

**NÚCLEO HISTÓRICO DA AVENIDA DOS  
ANDRADAS E BAIRRO MARIANO  
PROCÓPIO**  
*Nota Prévia de Pesquisa*

**Patrícia Falco Genovez**

**JUIZ DE FORA - MG**  
**CLIO EDIÇÕES ELETRÔNICAS**  
**1998**

## FICHA CATALOGRÁFICA

GENOVEZ, Patrícia Falco. **Núcleo Histórico da Avenida dos Andradas e bairro Mariano Procópio**. Nota prévia de pesquisa. Juiz de Fora: Clio Edições Eletrônicas, 1998. 65 p. (História e Arquitetura de Juiz de Fora, 10)  
*<http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>*

1. História de Juiz de Fora
2. História Urbana
3. Patrimônio Histórico

**Clioedel**  
**- Clio Edições Eletrônicas -**  
**Projeto virtual do Arquivo Histórico da UFJF**

E-mail: [clionet@cpd.ufjf.br](mailto:clionet@cpd.ufjf.br)  
<http://www.ufjf.br/~clionet/clioedel/bvhbr>

Endereço para correspondência:  
Arquivo Histórico da UFJF  
Prédio do CDDC - Campus Universitário  
Juiz de Fora - MG - Brasil  
CEP: 36036-330

Fone: (032) 229-3750  
Fax: (032) 231-1342

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

Reitora: Profa. Dra. Maria Margarida Martins Salomão  
Vice-Reitor: Prof. Paulo Ferreira Pinto  
Pró-Reitor de Pesquisa: Prof. Dr. Murilo Gomes de Oliveira  
Diretor da Editora: Prof. Galba Ribeiro Di Mambro

## SUMÁRIO

Apresentação .....	03
Aspectos Históricos .....	12
Fontes .....	41
Anexos:	
Anexo 01 .....	43
Anexo 02 .....	49
Anexo 03 .....	65
Anexo 04 .....	66

## APRESENTAÇÃO

O texto histórico elaborado por **Patrícia Falco Genovez** para o trabalho *Núcleo Histórico da Avenida Barão do Rio Branco (Parque Halfeld e Largo do Riachuelo)*, nono volume da Coleção História e Arquitetura de Juiz de Fora, foi o resultado do trabalho de pesquisa desenvolvido por uma equipe composta pela professora Mestre **Leda Maria de Oliveira**, responsável pela parte referente à História Oral; pela consultora em História da Arte, professora Mestre **Maraliz de Castro Vieira Christo**, do Departamento de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) e por duas estagiárias do Curso de História da UFJF, **Daniella Pires de Freitas** e **Raquel Pereira Francisco**.

Uma outra equipe, de arquitetos e urbanistas, complementa o trabalho realizado: **Raquel de Oliveira**

**Fraga**, arquiteta; **Mônica C. Henriques Leite**, estagiária; Professora Mestre **Maria Julieta Nunes de Souza**, consultora na área de arquitetura e urbanismo, do Departamento de Arquitetura da UFJF; e dois consultores externos: Professor Mestre **Antônio Pedro de Alcântara** e Professora Doutora **Dora Monteiro de Alcântara**. Um funcionário do Instituto de Pesquisa e Planejamento (IPPLAN), o arquiteto **Paulo Gawryszewski**, complementa a assessoria por parte da Prefeitura.

A pesquisa integra o projeto *Cidade Humana* da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora (IPPLAN) em parceria com a UFJF. Este projeto tem, entre outros objetivos, o tombamento de, aproximadamente, 170 imóveis. A Fundação Centro Tecnológico (FCT) da UFJF é a responsável pelo gerenciamento financeiro deste projeto, resguardando os direitos dos pesquisadores

envolvidos. Os coordenadores são, por parte da Prefeitura, o Diretor de Planejamento do IPPLAN **Álvaro Henriques Giannini** e, por parte da UFJF, o Diretor da Faculdade de Engenharia, na ocasião o Professor **Júlio César da Silva Portela**.

É de fundamental importância esclarecer que as construções abordadas na presente obra fazem parte de um inventário produzido pela empresa *Século XXX*. Para cada um dos imóveis relacionados no inventário, abriu-se um processo, contendo justificativas históricas e arquitetônicas elaboradas com o intuito de instruí-lo. Posteriormente, os processos são encaminhados à Comissão Permanente Técnico-Cultural (CPTC) que emite, ao Prefeito, o parecer sobre o tombamento ou não do imóvel.

Tendo em vista o prazo de razoabilidade estabelecido pelo Departamento Jurídico da Prefeitura

Municipal de Juiz de Fora, as equipes, de Arquitetura e História, tiveram quatro meses para finalização das justificativas. Tal realidade de trabalho nos forçou a estabelecer uma metodologia: os imóveis em processo de tombamento foram, portanto, divididos em grupos cujas características históricas apresentam um fio condutor direcionado por aspectos culturais, sociais e geográficos.

Assim, a parte das justificativas elaboradas pela Equipe de História para os processos acompanha o desenvolvimento histórico da cidade de Juiz de Fora de forma cartográfica. Ou seja, a partir de um mapa, foram identificados grupos de edificações que apresentam características históricas específicas e os vários diálogos com o todo já configurado na cidade.

Essa metodologia, além de facilitar o trabalho das equipes e da própria Comissão que relata os processos, é fundamental para que os imóveis não sejam avaliados de

forma isolada, o que diminui drasticamente seu valor histórico. Sem a visão de conjunto e do contexto no qual o imóvel encontra-se inserido, é quase impossível reconhecer seu valor enquanto repositório da história do local onde foi edificado e do próprio município. Fatores extremamente importantes para a definição da identidade dos cidadãos de nossa cidade.

Uma identidade capaz de nos conferir a cidadania enquanto juízes e, num plano mais amplo, enquanto brasileiros. Cidadania da qual a CPTC, juntamente com o Prefeito, se tornaram guardiães. De suas decisões de tombamento ou não, depende a formação de nossa identidade e, por conseguinte, de nossa cidadania. As edificações em processo de tombamento são documentos que testemunham a nossa história. Documentos que não estão guardados em museus ou bibliotecas, estão em

nossas ruas à vista daqueles que aqui moram e dos que nos visitam.

Em virtude do tempo reduzido para a elaboração das justificativas acordou-se com o IPPLAN que não seriam feitas as justificativas de prédios públicos e eclesiásticos, assim como das fazendas que circundam o município. O trabalho, portanto, voltou-se para as edificações privadas, localizadas no centro urbano, ficando os demais prédios para um trabalho posterior. Durante o tempo determinado para realização do trabalho, foram feitas algumas exceções, dada a urgência jurídica de alguns processos. Por isso, alguns deles tiveram que ser trabalhados fora do conjunto no qual estavam inseridos, como por exemplo, a Vila Spinelli (rua Espírito Santo), o armazém do Senhor Manoel Ferreira (avenida Rio Branco) e uma casa na rua Bernardo Mascarenhas. Todos esses imóveis integrarão, na forma de anexo, o texto

referente ao conjunto no qual cada um se encaixa. Quanto aos demais, estabeleceu-se os seguintes grupos a serem trabalhados e que foram entregues à Divisão de Patrimônio Arquitetônico e Cultural (DIPAC), nas datas respectivas:

- 1) Praça da Estação (12/04/1998);
- 2) Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, parte baixa (01/05/1998);
- 3) Ruas Marechal Deodoro e Halfeld, parte alta (19/05/1998);
- 4) Rua Batista de Oliveira (parte central) e avenida Getúlio Vargas (10/06/1998);
- 5) Bairro Granbery, compreendendo as ruas Antônio Dias, Batista de Oliveira (depois da avenida Independência), Sampaio e Barão de Santa Helena (14/07/1998);
- 6) Rua Espírito Santo (14/07/1998);

7) Alto dos Passos: avenida Barão do Rio Branco, ruas Moraes e Castro e Osvaldo Aranha (17/08/1998);

8) Avenida Barão do Rio Branco a partir do Parque Halfeld até o Largo do Riachuelo (17/08/1998);

9) Rua Bernardo Mascarenhas, avenida dos Andradas e bairro Mariano Procópio (17/08/1998).

Ressaltamos, ainda, que o conhecimento produzido (as justificativas históricas e arquitetônicas) a partir desse esforço de pesquisa será, posteriormente, reavaliado e, até mesmo, complementado tendo em vista os dados obtidos após sua formulação. Ele integrará a Coleção *História e Arquitetura de Juiz de Fora*, lançada com o intuito de incentivar novas pesquisas, uma vez que levanta pontos e lacunas importantes da história da cidade de Juiz de Fora, do final do século XIX até metade do século XX. Além disso, levanta questões pertinentes em relação à história arquitetônica da cidade. Pode-se, a partir desse trabalho,

pensar tais imóveis num outro recorte com uma perspectiva voltada, por exemplo, para a evolução arquitetônica dos prédios em processo de tombamento. Enfim, muitas alternativas se abrem para futuras pesquisas seja na área de história, seja na área de arquitetura ou mesmo de um diálogo frutífero entre ambas.

Chamamos a atenção para o fato de que os textos serão publicados como notas prévias de pesquisa, tendo em vista que os mesmos não apresentam qualquer alteração em relação ao conhecimento produzido e entregue à DIPAC (órgão competente da Prefeitura responsável pelos processos de tombamento). Houve apenas uma edição mudando o *layout*: duas colunas e formato paisagem. Além disso, em cada processo de tombamento, montado pela DIPAC, segue, além do texto referente aos aspectos históricos, a descrição pontual do respectivo imóvel. Nesta publicação, as várias descrições

arquitetônicas aparecem reunidas. No tocante à parte arquitetônica, os textos básicos desenvolvidos pelas professoras Maraliz de C. Vieira Christo e Maria Julieta Nunes de Souza, colocados na forma de anexo nos processos entregues à DIPAC, foram publicados à parte.

Finalmente, cabe-nos realçar as várias pessoas e instituições que contribuíram para esta pesquisa, recebendo a equipe de história com distinção, profissionalismo e simpatia. Nosso agradecimento também se estende a todos que, gentilmente, contribuíram através de seus relatos e depoimentos. Aceitando o risco de esquecer de algum colaborador, gostaríamos de citar cada uma das instituições e pessoas que tanto colaboraram para este trabalho:

- ao ARQUIVO HISTÓRICO DA UFJF na pessoa do seu diretor Professor Galba Ribeiro Di

Mambro e da funcionária e historiadora Carla  
Suely Campos;

- ao ARQUIVO HISTÓRICO DA PREFEITURA  
MUNICIPAL DE JUIZ DE FORA na pessoa do seu  
diretor Antônio Henrique Lacerda e pela colaboração de  
seus funcionários e historiadores: Elione Silva Guimarães  
e Francisco Carlos Limp Pinheiro;

- à BIBLIOTECA MUNICIPAL MURILO  
MENDES, pela colaboração de sua funcionária e  
historiadora Heliane Casarim Henriques;

- ao MUSEU MARIANO PROCÓPIO, na pessoa de  
seu diretor Dr. Antônio Carlos Duarte e pela colaboração  
dos funcionários: Maria de Fátima Araújo Aguiar, Carlos  
Henrique Saldanha, Rita de Cássia de Andrade Procópio,  
Eneida Maria de Miranda e Aloísio Arnaldo Nunes de  
Castro;

- ao ARQUIVO DORMEVILLY NÓBREGA, pela  
colaboração e simpatia com que recebeu a equipe de  
história, especialmente ao seu organizador, o jornalista,  
historiador, cronista, pintor, cantor, humanista... senhor  
Dormeilly Nóbrega;

- à CASA DE ANITA na pessoa do Dr. Marcelo  
Mega;

- à Divisão de Comunicação da Prefeitura  
Municipal de Juiz de Fora (DICOM) e aos funcionários  
que, gentil e pacientemente, atenderam às estagiárias, na  
busca incansável de processos de construção;

- à Secretaria da SOCIEDADE BENEFICENTE DE  
JUIZ DE FORA que, gentilmente, abriu-nos as portas de  
seu arquivo;

- ao INSTITUTO GRANBERY, pela grande  
colaboração de seus funcionários do Arquivo Documental



Dr. Lander: Professor Ernesto Giudice Filho e Professora Soraia Maria Lopes da Silva;

- à Diretoria da CASA ESPÍRITA, na pessoa da senhora Aelce Horácio Souza;

- ao MINISTÉRIO DA MEMÓRIA DA IGREJA METODISTA, pela colaboração do senhor Paulo Lima;

- à ASSOCIAÇÃO COMERCIAL pela colaboração de seus diretores e funcionários;

- ao ARQUIVO DO SEMINÁRIO SANTO ANTÔNIO, pela colaboração da funcionária Ozana de Fátima Paiva Cabral Silva e da Professora Beatriz de Vasconcellos Dias de Miranda;

- à SECRETARIA DA PARÓQUIA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO de Juiz de Fora;

- à EMPRESA A & S SOFTWARE Ltda., pela assistência na digitalização das fotografias e mapas e pela

colaboração valiosa prestada por Adriano Braz Falco Genovez e Silene M. Felizardo Genovez.

Às pessoas que aceitaram dar seu depoimento, contando sobre a história da cidade, toda nossa estima. São elas: Sr. Oswaldo Costa (“Congo”); Dr. Antônio Fernando Vieira Braga, Dr. José João Mokdeci; senhora Mounira Haddad Rahmn, senhor Luiz Carlos Fazza; senhor Alberto Surerus Moutinho (por ter recolhido informações com outros funcionários do Banco do Brasil: Ary Geraldo, Leon Pereira Nehrey, Édson Mega e Mauro Lucci) e pela entrevista e disponibilidade em abrir seu arquivo pessoal de fotos da cidade; senhor Manoel Borges de Carvalho; senhor José Márcio Peralva; senhor Moysés A. Arbex; Doutor Alberto Arbex; senhora Nual Krayem Arbex; senhora Nabia Farage Miana; senhora Amélia Sfeirr Feres; senhora Cléa Feres Nacif; senhora Ináh

Mello de Carvalho; jornalista Mário César Manzolilo de Moraes; senhor Fúlvio Marcos De Landa Júnior; jornalista Natalle Chianello (Natálio Luz); senhor Nildo Tavares; senhor Sebastião Garibaldi Pifano; senhor Luarino Cortes Carvalho; senhora Maria Teresa Merhi Abi-Nasser; Dr. Edelo Abraham Assad; Dr. Rubem Sottomayor; senhora Inês Ciuffo; historiadora Valéria Ferenzini; escritora Cleonice Rainho Thomaz Ribeiro; Dr. Manoel Monachesi; senhor Nilton Soranço; senhor Mário Soranço; senhora Gioconda Soranço; senhor Sebastião Tomaz; senhora Vânia Maria Moreira Ranzoni; senhora Maria da Glória Moreira Ranzoni; senhora Delourdes Conceição Pratini de Almeida; senhor Antônio Vidal Campante; senhora Maria Ignez Michels; senhora Aelce Horácio de Souza; senhor Demétrio Pável Bastos; Padre David José Reis; artista plástica Nívea Bracher; doutor José Carneiro Gondin; senhora Jahira Mattos de Medeiros; doutor Waldemar

Medeiros; Padre e Professor Mestre Afonso Henrique Hargreaves Botti; senhor Dornevilly Nóbrega; Irmã Maria Helena Souza de Faria; psicóloga Maria de Lourdes Mascarenhas; Dr. Roberto Villela Nunes; Dr. Hermenegildo Villaça Freitas; senhora Lucy Junqueira Costa Reis; senhora Maria José Junqueira Villela de Andrade; Senhora Cristina Ribeiro de Castro; senhora Yolanda Maria Junqueira Villela de Andrade Melo; professora Sílvia Maria Belfort Villela de Andrade; professora Vanda Arantes do Vale; senhora Alice Salzer Rodrigues e Sr. Antenor Salzer Rodrigues.

Com todos tivemos a oportunidade de aprender muito mais do que história. Através de seus relatos e dos contatos estabelecidos, todos, indistintamente, nos ensinaram preciosidades, contando sobre suas experiências de vida. A esses, que já consideramos amigos, nosso imenso carinho.

Um agradecimento especial se faz necessário ao Professor Galba Ribeiro Di Mambro, já mencionado enquanto diretor do Arquivo Histórico da UFJF, que prestou seu total e irrestrito apoio à publicação propondo, inclusive a formação da presente coleção. O Professor Galba, diretor da Editora Clio Edições Eletrônicas, tem nos orientado na edição e constituição da coleção *História e Arquitetura de Juiz de Fora*.

Outro agradecimento especial cabe-nos fazer às estagiárias da equipe de história que demonstraram uma dedicação que vai além do profissionalismo. Daniella Pires de Freitas e Raquel Pereira Francisco que trabalharam além das horas propostas, levantando dados e percorrendo arquivos, por respeito e amor à história. Elementos que em nenhum momento faltaram à Professora Leda Maria de Oliveira, incansável nas entrevistas e contatos. Do convívio diário com Leda,

Daniella e Raquel ficou a grande lição de que um bom trabalho começa sempre com a humildade e a verdade, numa busca constante e honrada pela dignidade profissional do historiador.

Enfim, muitos obstáculos e problemas estiveram à nossa frente, formando barreiras por vezes quase intransponíveis. Por todos os desafios superados, fica apenas a certeza de que, através de nossa força, o poder de Deus se fez presente.

**Patrícia Falco Genovez**

## ASPECTOS HISTÓRICOS

Patrícia Falco Genovez <sup>1</sup>

*Tendo-se em vista a área hoje ocupada pela cidade, difícil será aquilatar-se qual seria a melhor: a de propriedade dos Tostes e Halfeld ou a disponível à Companhia União e Indústria. Eram, pelo menos, equivalentes. As duas populações urbanas se equivaliam numericamente. Os*

*construtores de lá [localidade onde morava o Comendador Mariano], mestres escolhidos a dedo, gente branca alfabetizada; os de cá [área urbana onde estava instalava a Câmara Municipal] salvo um ou outro português que jurara não pegar no pesado - caboclada se aglomerando aos poucos sob a batuta de meia dúzia de caudilhos afazendeirados, mais escravos que brancos, pedreiros semi-analfabetos práticos em construções de taipa, construindo casas desenhadas por fazendeiros.(...) Só usavam do lado de cá o médico e o padre em horas extremas. Até um nome já tinham: um nostálgico **Rio Novo** que não pegou e foi mudado repentinamente, para **Estação de Juiz de Fora**. Palácio governamental já tinham - e o chamavam mesmo de **O Castelo**. (...) Lá Mariano era rei, cá vereador de décima suplência (humilhante!), de Câmara que só dele se lembra para admoestações, para*

---

<sup>1</sup> Doutoranda no programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, membro do Núcleo de História Regional da UFJF, membro do Conselho Editorial da Revista Eletrônica de História do Brasil (<http://www.ufjf.br/~clionet/rehb>), historiadora responsável pela elaboração final do texto histórico para instrução de processos de tombamento, junto à Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

*exigir que ele tapasse os buracos da principal rua da cidade de Halfeld.* <sup>2</sup>

O trecho, de Jair Lessa, nos remete para a história da cidade nas décadas de 60, 70 e 80 do século passado. Falar dos imóveis situados à **avenida dos Andradas, número 1215, rua Benjamin Guimarães, sem número e bairro Mariano Procópio**, com as ruas **Duarte de Abreu, números 57, 67 e 114 e Agassis, número 71**, exige um dimensionamento histórico não apenas das próprias edificações mas, sobretudo, das áreas onde foram construídas. Portanto, será preciso ter em mente duas lógicas: a da imigração e a da mudança na ocupação espacial da cidade em virtude da construção da Rodovia e, posteriormente, com as modificações ocorridas a partir dos aterros e alterações no leito do rio Paraibuna. A

---

<sup>2</sup> LESSA, J. **Juiz de Fora e seus pioneiros**. Juiz de Fora: UFJF/FUNALFA, 1985. p. 73. Grifo nosso.

retificação do rio Paraibuna só teve início por volta dos anos 40. Foi a partir da década de 50, com o saneamento já desenvolvido. <sup>3</sup>

Os primeiros decretos para saneamento do rio Paraibuna tiveram início no governo do prefeito Raphael Cirigliano, em 1939. O decreto-lei número 42, de 15 de março de 1939, obrigava o saneamento e aterro da baixada do Paraibuna:

*O Prefeito Municipal de Juiz de Fora, usando das atribuições que por lei são conferidas e considerando que de longa data, a administração pública municipal considera ser de grande necessidade o saneamento da baixada do rio Paraibuna, no perímetro urbano considerando que enquanto a*

---

<sup>3</sup> Depoimento da Professora Mestre Wanda Arantes do Vale, concedido em 09/07/1998, à estagiária Raquel Pereira Francisco.

*administração municipal  
despense anualmente vultosa  
somadas com a intensificação de  
redes de água e esgotos,  
calçamento e outros  
melhoramentos, em pontos  
afastados, para onde a cidade se  
expande, o centro onde existe  
tais serviços, em grande porção,  
permanece sem os aproveitar  
por não serem terrenos  
edificáveis; considerando que a  
referida faixa, nas enchentes,  
comuns nas épocas chuvosas,  
fica inundada pelo  
transbordamento do rio  
Paraibuna, atingindo casas,  
danificando benfeitorias e  
constituindo focos constantes de  
miasmas; considerando que urge  
o saneamento e aproveitamento  
da referida faixa. DECRETA:  
Art 1. Considera-se zona  
saneável, pelo efeito deste  
decreto, toda a faixa, dentro do*

*perímetro urbano, de cada lado  
do rio Paraibuna e seus  
afluentes, compreendida entre a  
terceira ponte da Estrada de  
Ferro Central do Brasil -  
Direção Juiz de Fora-Rio - e  
ponte Kranbeck, faixa que não  
pode ser aprovada com  
logradouro, nem edificada  
sem aterro. <sup>4</sup>*

As duas questões, da imigração e mudança na ocupação urbana, estão intrinsecamente ligadas à história da formação do município em relação à conformação urbanística, cultural e social. Portanto, enquanto fonte de pesquisa para as áreas de história urbana, história

---

<sup>4</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA. Fundo: República Velha. Prefeitura Municipal de Juiz de Fora - Decretos leis e Decretos de 1938 e 1939.

sócio-econômica e história sócio-cultural, a contribuição é bastante valiosa.<sup>5</sup>

Para a história econômica, uma nova fase se descortinou nos recentes trabalhos de pós-graduação nas universidades brasileiras:

*Procedimentos que buscaram se alicerçar no manejo de técnicas de pesquisa e "corpus" documentais muitas vezes inéditos. Dentre as áreas que, desde então, ganharam impulso maior, destacam-se os estudos acerca do mercado interno, de estruturas agrárias da época da escravidão, comércio exterior e*

---

<sup>5</sup> Para se ter uma idéia da importância cultural da chegada dos imigrantes à Juiz de Fora, no Caderno Dois, do Jornal **Tribuna de Minas**, de 06/06/1998, há o destaque para mobilização da grande comemoração realizada no Bairro Borboleta, "evocando suas raízes culturais", quando dos 140 anos de imigração alemã.

*industrialização, demografia, história empresarial etc.*<sup>6</sup>

Os trabalhos dos professores, da UFJF, Luiz Antônio do Valle Arantes, Mônica Ribeiro de Oliveira e Anderson José Pires são exemplos dos esforços em solucionar as várias lacunas acerca da história econômica da cidade.<sup>7</sup> Ao trabalharem a questão da imigração e da formação do capital para a industrialização, eles nos fornecem informações que ainda podemos confirmar ao percorrer as

---

<sup>6</sup> FRAGOSO, João & FLORENTINO, Manolo. História Econômica. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (org). **Os domínios da História. Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 41.

<sup>7</sup> PIRES, Anderson. **Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora - 1870/1930**. Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 1993. OLIVEIRA, Mônica R. de. **Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1991. ARANTES, Luiz Antônio do Valle. **As origens da burguesia industrial em Juiz de Fora - 1858/1912**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1991.

ruas do bairro Mariano Procópio e suas imediações onde formou-se a colônia criada para os alemães. Através dos indícios deixados nas construções e na história de seus descendentes, é possível ter uma dimensão melhor da contribuição dos mesmos para industrialização e urbanização da cidade, na transição do século XIX para o século XX. Testemunhos que ainda podem fornecer inúmeros outros dados ainda não trabalhados.

Ao contextualizarmos a chegada dos primeiros imigrantes alemães, a cidade, na segunda metade do século XIX, se desenvolvia às margens do Caminho Novo (rua Direita), traçado pelo engenheiro Halfeld. Em termos urbanos, o município se concentrava ao longo dessa estrada. Em suas margens foram construídos os principais centros de poder: a Igreja, as Repartições Públicas e a Praça Central da cidade, além disso, era o local escolhido pelos "bem nascidos" para construção de seus belos

sobrados. Era, por assim dizer, a alma da cidade. Onde figuras importantes transitavam, o comércio da praça fervilhava e o poder se fazia presente, seja através da política, seja através das construções imponentes que se estendiam por toda a rua Direita (atual avenida Rio Branco), confirmando o poder econômico dos barões do café, tornando-o visível e palpável a todos.

Foi logo depois que a vila de Santo Antônio do Paraibuna transformou-se em cidade que o centro do município foi configurado. O vereador Alves Garcia propôs a abertura de cinco novas ruas: rua do Cano (atual Sampaio), Califórnia (atual Halfeld) <sup>8</sup>, Imperial (ou Imperatriz, atual Marechal Deodoro), Santo Antônio e rua

---

<sup>8</sup> PROCÓPIO FILHO, J. **Retalhos do Passado**. Juiz de Fora: Edição do autor, 1966. p. 190. *Conta-se que, numa visita de d. Pedro II à cidade, quando em passeio pelo Morro do Imperador, o Engenheiro Halfeld manifestou ao Imperador o desejo de que essa*



Formosa (a rua do Comércio, atual Batista de Oliveira). Estava traçado o centro nervoso da cidade, local de concentração do comércio, da política e da cultura. A preocupação constante com uma urbanização disciplinada permaneceu na década de 1860, quando foi encomendada uma planta da cidade ao engenheiro Gustavo Dodt.<sup>9</sup> Contudo, é importante frisar que, esta preocupação não se estendia à área onde se instalam os imóveis em processo de tombamento.

A construção da Rodovia União & Indústria, inaugurada em 1861, com a presença marcante do Imperador do Brasil e de sua corte, o comendador Mariano Procópio, mexeu nos pilares da organização

---

*rua trouxesse o nome de sua Majestade, ao que este retrucou prontamente: “Pois ela se chamará Halfeld”.*

<sup>9</sup>**Juiz de Fora em dois tempos. Tribuna de Minas.** Juiz de Fora, 1997. p. 15. Sobre as ruas Halfeld e Marechal Deodoro, ver também

urbana da cidade, deslocando o traçado da Rodovia para fora do perímetro urbano, cuja concentração já se fazia ao longo da rua Direita. Assim, o comendador deu início à primeira transformação no traçado urbano do município. Além de perder qualquer benefício financeiro por parte da Província, em virtude do alto valor empregado na Rodovia, o comendador Mariano, enfureceu os políticos locais. Não houve preocupação em estabelecer uma estação na cidade, obrigando os moradores a se deslocarem até a Estação de Rio Novo, localizada fora do perímetro urbano, distante três quilômetros do núcleo original, instalado ao longo da rua Direita.<sup>10</sup> A

---

ESTEVEZ, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915. p. 162 e 163.

<sup>10</sup> Sobre a questão da rivalidade existente entre Mariano Procópio e os políticos locais, encarregados da defesa dos interesses do núcleo de povoamento instalado originalmente ao longo do Caminho Novo ver GENOVEZ, Patrícia Falco. **As malhas do poder: uma análise**

construção da Rodovia trouxe, à cidade, os primeiros imigrantes.

A chegada da primeira leva de alemães ocorreu na segunda metade do século XIX. Juiz de Fora (Vila de Santo Antônio do Paraibuna) possuía, na época, um número bem reduzido de estrangeiros; alguns poucos portugueses e italianos fixados espontaneamente, e uma grande quantidade de escravos (62,3%).<sup>11</sup>

*Nesta década [1850] se iniciou a construção da Estrada União e Indústria com o objetivo de encurtar a viagem entre a Corte e a Província de Minas, destinando-se ao escoamento de café. Para construção da estrada, Juiz de Fora recebeu a primeira leva de imigrantes*

---

**da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX.**  
Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 1996.

<sup>11</sup> OLIVEIRA, Mônica R. de. op. cit., p. 48.

*européus; todos alemães. Chegaram, no início, arquitetos, engenheiros, artífices e, além disso, 1.162 colonos para a constituição da colônia de Dom Pedro II.*<sup>12</sup>

Não podemos perder de vista que a criação da colônia atendeu, em primeiro lugar, aos objetivos particulares do Comendador Mariano Procópio, garantindo mão-de-obra para a construção da estrada União e Indústria, valorizando terras e trazendo recursos do governo para cobrir os déficits de sua companhia.<sup>13</sup>

O deslocamento do centro urbano não foi a única consequência do empreendimento do Comendador Mariano. A Rodovia também gerou um outro pólo de desenvolvimento fora do perímetro urbano da então

---

<sup>12</sup> Idem. p. 50.

<sup>13</sup> Idem. p. 57.

cidade do Paraibuna. Uma situação que o Comendador fez questão em manter, como ficou explícito num ofício remetido ao Presidente da Província em 1857, demonstrando sua reprovação ao fato da Câmara incluir tais propriedades dentro dos limites da cidade.<sup>14</sup>

A diferença em relação às localidades tornou-se perceptível na própria descrição do Imperador quando o mesmo diz chegar ao **Juiz de Fora**, quando da inauguração da Rodovia União e Indústria em 1861. Diferença que se faz presente quando o Monarca fala da visita à **cidade do Paraibuna** no dia seguinte a sua chegada. Pelas rixas e pelas querelas freqüentes, não pareceu ser apenas uma divergência com relação a designação toponímica. Para quem viveu a época, como o

---

<sup>14</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA. Fundo: Câmara no Império, série 23. Carta enviada à Câmara em 24/11/1857.

major Ignácio da Gama, eram efetivamente lugares diferentes e não somente nomenclaturas alternativas para designar um mesmo lugar.<sup>15</sup> A divisão da cidade ficou ainda mais evidenciada, quando, em 1911, foi criado o distrito de Mariano Procópio.<sup>16</sup> Já em 1912, a delimitação da área urbana apresenta alterações:

*(...) Pelo Norte, a começar do morro vertente da fazenda da Divisa, por uma linha quebrada, acompanhando as sinuosidades do mesmo morro até a primeira ponte, na estrada de mac-adam, próximo a fazenda da Tapera e dahi pelo ribeirão até o rio Paraybuna, por esse, indo ao ponto fronteiro do morro que*

---

<sup>15</sup> GENOVEZ, Patrícia Falco. op. cit., Parte II.

<sup>16</sup> OLIVEIRA, Paulino de. **Efemérides juizforana**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1975. p. 177. O distrito de Mariano Procópio foi criado pela lei número 556, de 1911; decreto número 6.646 do Governo de Estado. Sobre eleições de vereador e juiz de paz (que não chegou a ocorrer efetivamente) ver p. 185 e 192.

*fica pouco além da fábrica de  
cerveja José Weiss.* <sup>17</sup>

Contudo, ainda na segunda metade do século XIX, do outro lado do Morro da Gratidão, Mariano Procópio fomentava, em ritmo acelerado, a constituição da colônia D. Pedro II, dividida em três partes:

*(...) colônia de cima; colônia do meio; colônia de baixo. Ainda foi criado um bairro mais próximo ao centro, de nome Villagem, onde residiam os trabalhadores braçais e operários ligados à companhia. A Villagem era o ponto de contato dos colonos com os moradores da cidade e seria através dela que, mais tarde, os colonos abandonariam*

---

<sup>17</sup> ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915. p. 155.

*seus prazos e se concentrariam  
próximos à zona urbana.* <sup>18</sup>

A área compreendendo três bairros: Fábrica, São Pedro e Borboleta (mapa 01), foi dividida em 384 prazos ou lotes, conforme pode-se observar no mapa 02. Espaço, posteriormente, fracionado no início do século XX, atendendo a algumas demandas do mercado imobiliário. <sup>19</sup> O processo de aquisição das terras realizado pelo Comendador Mariano (ANEXO 01), mostra a disposição em cercar a cidade. Pelos limites que constam no documento, o avanço *marianista* só encontrou resistência junto às propriedades dos Halfeld e dos Paula Lima, famílias que já contavam com raízes bem profundas

---

<sup>18</sup> OLIVEIRA, Mônica R. de. op. cit., p. 68.

<sup>19</sup> MIRANDA, Sônia R. **Cidade, capital e poder: políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester Mineira**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1990. p. 96.

quando a cidade era apenas a vila de Santo Antônio do Paraibuna, em 1850.<sup>20</sup>

Dentro da Villagem, a área de destaque já se definia: a primitiva Rua da Colônia (atual Bernardo Mascarenhas), *antiga chácara do Barão de Pitangui, primo-irmão de Mariano*.<sup>21</sup> Rua que, depois, tornou-se pólo atrativo para a elite em virtude da fábrica de cerveja do alemão José Weiss, fundada em 15 de setembro de 1879.<sup>22</sup> A fábrica marcava o final da rua, *iniciada no*

---

<sup>20</sup> GENOVEZ, Patrícia Falco. op. cit. Parte II.

<sup>21</sup> BASTOS, Wilson de Lima. **Mariano Procópio Ferreira Lage**. 2 ed., Juiz de Fora: Ed. Paraibuna, 1991. p. 85. ARQUIVO DOCUMENTAL Dr. LANDER. Ver foto no volume 11 da coleção **História e Arquitetura de Juiz de Fora**.

<sup>22</sup> LESSA, J. op. cit., p. 139. Ver também OLIVEIRA, Paulino de. **Efemérides juizforana**. Juiz de Fora: UFJF/FUNALFA, 1985. p. 196. STHELING, Luiz José. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os alemães**. Juiz de Fora: ESDEVA, 1979. Segundo Stheling, José Weiss adquiriu a antiga chácara da Companhia e nela instalou a cervejaria. p. 352.

*morro da Boa Vista, além da estação de Mariano Procópio*.<sup>23</sup>

Uma localidade de investimento dos colonos alemães com a instalação de algumas pequenas fábricas, a partir de 1878, como por exemplo, Dietleb Krambeck, com o Curtume Krambeck, em 1880, destruído em um incêndio em 1921.<sup>24</sup> Outros empreendedores residentes nesta rua foram Jacob Kneipp, construtor de obras, falecido em 1930, Pedro Castigliani, José Mechler, Luiz Luc.<sup>25</sup> No ramo farmacêutico podemos citar Edson

---

<sup>23</sup> ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915**. Belo Horizonte: Editora Oficial, 1915. p. 161. Lá foram alojadas 11 famílias. STHELING, J. L. op. cit., p. 189.

<sup>24</sup> BASTOS, Wilson de L. op. cit., p. 85.

<sup>25</sup> Idem. p. 243. Ver também Prefeitura de Juiz de Fora, Departamento de Comunicação (DICOM), processo número 6835/46. Sobre os dois últimos construtores ver ARQUIVO DA SOCIEDADE BENEFICENTE DE JUIZ DE FORA. **Almanach de Juiz de Fora - 1898**. Organizado por Heitor Guimarães. Anno III, Juiz de Fora: Typographia Mattoso, 1898. p. 347 e 348.

Bertoldi e a família Leite Barbosa, responsável pelo fortificante Capivarol.

Nesse sentido, podemos observar a riqueza de toda esta área que compunha a antiga colônia enquanto fonte de pesquisa e enquanto indicativo de atividades fabris. Levanta, também, questões e lacunas relacionadas à industrialização e história empresarial do município. Além de mostrar a variedade étnica que a Bernardo Mascarenhas e outras ruas, situadas em Mariano Procópio abrigavam. Lá funcionou, em 1898, o Colégio Americano Granbery (internato e externato), dirigido pelo Dr. Lander, na antiga Escola Agrícola; o Externato Alemão para o sexo masculino, dirigido pelo pastor Eduardo Precht; e, a Escola do Professor Antônio Ministério. Outras atividades também se concentravam numa das ruas principais desta parte da cidade, que fora desenvolvida a partir da iniciativa de Mariano Procópio. São elas: a Sociedade

Beneficente Brasileira-Alemã, presidida por Christiano Gerheim, comerciante nesta mesma rua, no número 56; armazéns dos senhores Cândido Pereira de Almeida, Francisco Batista Pinto, Joaquim Duarte; Prado de Juiz de Fora, ponto de recreio, presidido pelo senhor Eugênio Fontainha, junto à Fábrica de Cerveja José Weiss; Antônio Azevedo Netto, correeiro e seleiro; Casa Mineira, pasto e rancho para tropas; Frederico Petes, funileiro; Carlos Barroso, Francisco C. Chamier, J. M. Lander e José W. Tarboux, professores.<sup>26</sup>

Inúmeras outras atividades mostram o dinamismo e auto-suficiência que existia em Mariano Procópio que, aliás, é mencionado no Almanach de Juiz de Fora para 1898 sem referência nenhuma à cidade de Juiz de Fora. Entre elas, podemos destacar a Fábrica de cerveja e Águas

---

<sup>26</sup> Idem. p. 155, 156, 162, 187, 308, 309, 311, 276, 334, 170, 359, 360, respectivamente.

Minerais Marca Estrella, de propriedade de Guilherme Griesse; Guedes da Costa, engenheiro; comércio de secos e molhados dos senhores José Luiz Rodrigues e Severino Barboza e Figueiredo; Antônio Pinto Formiga, proprietário de bilhar e restaurante; Ignácio Martins da Silva, proprietário de botequim; Engrácio Martins da Silva, proprietário de uma casa de Café; Luiz Antônio de Lemos, barbeiro. A rua da Gratidão também apresentava variadas atividades. Lá se estabeleceram: Colégio Andrés; Sociedade Beneficente de Socorros Mútuos, presidida por Antônio Scoralick; Teatro União Recreativa; Fábrica de Máquinas e fundição de Ferro e Bronze, de propriedade de George Francisco Grande; Empresa Industrial de Juiz de Fora, fabricante de azulejos; Imparcial Fábrica de Cerveja e Águas Minerais, fundada em 1867 por Kremer; Romani e Comp., fábrica de massas; Carlos Stieger, fabricante de telhas e tijolos; Moreira e Comp. e César

Ugatti, serralheiros; este último possuía também uma charutaria; Scafutto e Comp., padaria italiana e W. Welmer, padaria alemã.<sup>27</sup>

A antiga rua Gratidão, atual avenida dos Andradas, continuava movimentada nas primeiras décadas deste século, principalmente, na parte próxima ao Largo do Riachuelo.

*Lembra-nos o entusiasmo do seu Leal, da Padaria Riachuelo pela região; lembra-nos o bar Alvorada onde Oceano Soares, Ministrinho, e a turma dos Turunas faziam ponto; lembra-nos o salão de barbeiro, onde o Mestre Cocada (Newton Santos) trabalhava e cantava seus sambas de breque.*<sup>28</sup>

---

<sup>27</sup> Idem. p. 137, 352, 155, 186, 276, 106, 108, 112, 387, 338, 349, 315, 324, 326, 311 a 315, respectivamente.

<sup>28</sup> ARQUIVO DORMEVILLY NÓBREGA. NÓBREGA, Dormevilly. **Álbum Juiz de Fora em dois Tempos.**

A rua Gratidão começava no Largo do Riachuelo e terminava na estação de Mariano Procópio.<sup>29</sup> Toda a região era povoada por este intenso comércio e por atividades e serviços os mais variados. Um comércio que se apresentou bastante refreado na década de 30. Por esta época, *o Morro da Glória era mais residencial. As pessoas saíam para trabalhar no centro da cidade e voltavam.*<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> ARQUIVO DA SOCIEDADE BENEFICENTE DE JUIZ DE FORA. *Almanach...* p. 166.

<sup>30</sup> Depoimento do Sr. Alberto Surerus Moutinho, concedido em 12/08/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira. Funcionário aposentado do Banco do Brasil. Sr. Alberto se lembra das festas de Natal. Sua família, em particular, comemorava no sítio que o avô, João Surerus, possuía no Bonfim, próximo à Igreja. A decoração era feita com velas, postas em pinheiros enormes. Outra festa era a de São João, onde o tio Adolfo Surerus, soltava “cabeça de negro”, comprados na loja Maria Fogueteira. As festas de Natal e do Advento são também mencionadas nos depoimentos da senhora Alice Salzer Rodrigues e de seu filho Senhor Antenor Salzer

Contudo, percebe-se ainda a existência de chácaras. O próprio nome da rua Gratidão foi dado em homenagem ao Cel. José Carlos Duarte, dono de uma chacara com este nome, nas proximidades do Largo do Riachuelo e outras mais existiam nas imediações do Morro da Boa Vista e no final da rua Bernardo Mascarenhas. Portanto, várias edificações estabelecidas na região do Gratidão em direção à rua Bernardo Mascarenhas mostram a preocupação em manter uma qualidade de vida das antigas chácaras, ou seja, localizam-se em colina, no centro de um grande terreno. Dialogando com as antigas chácaras do século anterior, como a do Barão de Pintagui e do Coronel José Carlos Duarte, ou seja, resgatam o bem estar e o *status*, mas

---

Rdrigues, concedidos em 15/08/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira.



numa lógica urbana, como evidencia as palavras de Procópio Filho.<sup>31</sup>

*(...) desde 1903, meu pai havia adquirido do seu grande amigo Cel. José Carlos Duarte a chácara que alguns denominavam “Chácara do Gratidão”, talvez por ser naquela época a rua do Gratidão, hoje Avenida dos Andradas, a sua via mais próxima.*

*O Gratidão era um homem bom e popular cidadão que, de há muito residia naquele local.*

*Situada numa aprazível colina, sempre louvada por todos como uma das mais belas da cidade, ali viveram meus pais até a morte do varão, que sobreviveu à minha Mãe, em 31 de março de 1951.*

---

<sup>31</sup> Consultoria: Professora Maraliz de Castro Vieira Christo.

*O bairro de Santa Helena, por nós construído é um dos melhores e mais saudáveis da cidade, entre a Travessa Leonelo Fortiuni, ruas Benjamin Constant, Perry e o sopé do Morro do Redentor, está compreendido em sua antiga área...*

*Logo após a morte de meu pai, eu e meu irmão decidimos dispor do enorme casarão.<sup>32</sup>*

Outras ruas, já citadas, formam a área em foco, conforme as indicações do Almanach de 1898:

*rua dos Artistas: começa na rua da União e termina na rua da Glória. Beco dos Artistas: começa à rua do mesmo nome.*

---

<sup>32</sup> PROCÓPIO FILHO, J. **Retalhos do passado**. p. 71. O casarão referido na citação foi adquirido pelas Irmãs Carmelitas para a inauguração do ginásio Nossa Senhora do Carmo, em 14 de fevereiro de 1953. Ver também PASSAGLIA, Luis Alberto P. **Pré-Inventário - DIPAC/IPPLAN**. Volume I.

*Bernardo Mascarenhas: começa no Morro da Boa Vista, além da estação de Mariano Procópio, e termina na fábrica de cerveja José Weiss. Rua das Escolas: começa à rua Bernardo Mascarenhas e termina no Colégio Granbery (antiga Escola Agrícola). Glória: começa à rua do Gratidão e termina na dos Artistas. Gratidão Pequeno: começa à rua do Gratidão e termina na dos Artistas. Mariano Procópio: começa em frente a Igreja da Glória e termina à rua dos Artistas. Palmeiras: começa na estação de Mariano Procópio, fim da rua Gratidão, e termina no entroncamento das linhas de bonde central. Tiradentes: começa no Largo do Riachuelo e termina na Estrada de Ferro Central (Avenida Municipal). Largo do Riachuelo: entre as ruas Direita, Gratidão,*

*Quinze de Novembro, Tiradentes e São Sebastião. Morro Boa Vista: entre a estação de Mariano Procópio e princípio da rua Bernardo Mascarenhas. Morro do Gratidão: entre a rua Direita e a Estação de Mariano Procópio.* <sup>33</sup>

Alguns exemplos de comércio estabelecido no Morro do Gratidão, hoje avenida dos Andradas, ainda nos permitem adentrar no ambiente que marcou esta parte da cidade, entre a segunda metade do século XIX e o início deste. Nas imediações da Igreja da Glória, a firma de Augusto Kremer, a Cervejaria Germânia, é um bom exemplo da dinâmica econômica estabelecida entre os imigrantes alemães.

---

<sup>33</sup> ARQUIVO DA SOCIEDADE BENEFICENTE DE JUIZ DE FORA. *Almanach...* p. 166 a 169.

*A firma de Augusto Kremer & Cia., foi fundada em Petrópolis no ano de 1858. Em 1867 inaugurou sua filial na cidade situada no morro da Gratidão, construída em terreno adquirido à Cia. União e Indústria (desmembrado da Colônia de D. Pedro II). em 1878 a firma foi extinta; a Fábrica de Juiz de Fora passou a denominar-se “Imparcial Fábrica de Cerveja e Águas Minerais” de Kremer e Cia. Augusto Kremer faleceu no mesmo ano de 1878; retirando-se da firma o seu sócio Sr. José Weiss, a viúva daquele, na direção da empresa, mudou o nome para cervejaria Germânia. Por ocasião da I Guerra Mundial, o nome da fábrica foi mudado para Cervejaria Americana e transformada em S. A., subsistindo até meados da década de 30, quando o mercado*

*foi conquistado por empresas economicamente mais fortes. O dono da cervejaria era o Sr. Bento Caldas. Quando a cervejaria faliu foram as instalações adquiridas pela CCPL (Estrela Branca).<sup>34</sup>*

A citação não apenas nos remete às sociedades que os alemães estabeleciam, como fornece indícios do início da ocupação nesta área, antes pertencente à União Indústria. Outro exemplo de terrenos comprados da Companhia, são os que encontram ao lado do Pronto Socorro. Num deles morou o Cônsul Alemão George Grande, já citado como

---

<sup>34</sup> PASSAGLIA, Luis Alberto P. **Pré-Inventário**. DIPAC/IPPLAN. Volume II. Ver também STEHLING, Luiz José. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os alemães**. Juiz de Fora: Esdeva, 1979. p. 349 e 352.

comerciante.<sup>35</sup> O mesmo se pode relatar sobre o Colégio Santa Catarina, inaugurado em 1909.

*A Escola da Colônia, que deu origem ao mencionado Colégio, foi instituída pela Cia. União e Indústria para os filhos dos colonos católicos, mas por falta de professores permaneceu fechada alguns anos. Em fevereiro de 1900 teve sua reabertura definitiva a cargos de religiosas da Congregação de Santa Catarina.*<sup>36</sup>

A Igreja e o Cemitério da Glória também seguiram o mesmo padrão. Os terrenos da Cia. União e Indústria

---

<sup>35</sup> Idem. Ver também PROCÓPIO FILHO, J. op. cit., p. 65, 131 e 208. Sobre o Consulado Alemão e seu primeiro cônsul ver STEHLING, Luiz José. op. cit., p. 327 a 329.

<sup>36</sup> PASSAGLIA, Luis Alberto. op. cit. Conforme depoimento da Irmã Mariza Nogueira Lara Rezende (Irmã Estefânia), concedido em

foram cedidos em 1878. Todos os imóveis eclesiásticos, assim como as escolas, em processo de tombamento, serão tratados num trabalho posterior.

A Industrial Mineira não fugiu à regra ao situar-se na **avenida dos Andradas, número 1215**. A primeira fábrica de tecidos da cidade foi inaugurada em 25 de dezembro de 1883. Ficou conhecida como fábrica dos ingleses e teve como seu primeiro diretor João Henrique Riley.<sup>37</sup> O terreno já havia sido vendido em 1853 pela Cia. União e Indústria, conforme registro:

*Na cidade do Rio de Janeiro, Cartório do tabelião Francisco Pereira Ramos, no dia 9 de julho de [1853], foi passada a escritura de venda de uma área*

---

27/07/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, a escola chegou a funcionar em cômodos cedidos por Dona Maria Vieira.

<sup>37</sup> ARQUIVO DORMEVILLY NÓBREGA. FONSECA, Walter. **Pequena enciclopédia da cidade de Juiz de Fora: gente, fatos e coisas.** São Paulo: Ícone, 1987. p. 67.

*de terra da Colônia D. Pedro II, que esteve representado pelos seus Diretores - Honório Augusto Ribeiro, Joaquim de Melo Franco e Antônio Vieira da Cunha como vendedor; e as firmas MORRIT & CIA., ANDREW STIERE & CIA., e HARRY WITHAKER, como comprador do terreno com benfeitorias que confronta com os seguintes senhores: Frederico Hanck, Antônio Pinto Moreira, Estrada de Ferro D. Pedro II, Henrique Griese, Estrada do Morro da Gratidão, Bernardo José de Castro, José Kelmer, Antônio Scoralick, Schubert & Filhos, reservando-se os terrenos para o cemitério dos católicos, e para a capela de N. S. da Glória, conforme título conferido aos colonos pela sua Diretoria, em 11 de maio de 1878 todos estes terrenos fazem*

*parte de uma planta organizada pelo agrimensor José Antônio Alves, a qual excluídos os terrenos dos cemitérios e Capela, representam uma área de 1.106.000 metros quadrados.* <sup>38</sup>

O terreno foi comprado pelo valor de 55 contos de réis. A fábrica iniciou seu funcionamento no momento em que a Colônia D. Pedro II foi extinta oficialmente. Nela foi aproveitada a primeira turbina hidráulica do Brasil, instalada pela Cia. União e Indústria para movimentar o maquinário de sua oficina:

*A turbina Antônia Bandeira leva 32 anos de pioneirismo sobre as que Bernardo Mascarenhas instalara no “JOASAL” para movimentar a primeira “USINA HIDRO-ELÉTRICA” da América*

---

<sup>38</sup> Apud STEHLING, Luiz José. op. cit., p. 311.

*do Sul. Dois anos antes de sua inauguração, era inaugurada a luz elétrica da fábrica de tecidos INDUSTRIAL MINEIRA, produzida por dínamo de corrente contínua conjugado na turbina Pelton.* <sup>39</sup>

Em 1886 a Companhia de Fiação e Tecelagem Industrial Mineira mostrava-se na vanguarda:

*Premiada com a grande Medalha de Ouro e o diploma de honra na exposição de Juiz de Fora de 1886. Neste estabelecimento fabrica-se com material de primeira qualidade e com toda a perfeição tecidos de algodão branco e de cores, americanos de diversas marcas, lisos finos, lisos grossos,*

---

<sup>39</sup>Idem. p. 313. O fato pode ser confirmado no jornal O Pharol, de 02/108/1887.

*trançados superiores, mariposas, cassineta mineira superior, xadrez, riscados de várias qualidades, oxford, panos para sacos, etc, etc. Fio em novelos e meadas de superior qualidade.* <sup>40</sup>

Em 1898 a diretoria era composta por Henry Miller, W. F. Geppe e F. Burrowes; gerente C. E. Hogg. <sup>41</sup>

A construção destinada à indústria segue os parâmetros da lógica básica que permeia as relações fabris. Encontra-se

*dentro de uma busca racionalista da arquitetura das fábricas, contudo imita um castelo em sua fachada; castelo que à medida que vamos penetrando em suas entranhas, encontramos os melhores*

---

<sup>40</sup> ARQUIVO SOCIEDADE BENEFICENTE DE JUIZ DE FORA. **Almanach...** p. 135.

<sup>41</sup>Idem. p. 333.

*cômodos (casa da direção - Benjamin Guimarães, 315) para os senhores e as instalações exíguas para a criadagem (vila operária).<sup>42</sup>*

A casa da direção citada acima forma, na verdade, um contraponto com as vilas operárias que se estabeleceram na cidade, quando da transformação econômica.

*As vilas operárias são a mostra de uma nova relação estabelecida pelo capital em Juiz de Fora. Este tipo de construção está ligado à história da industrialização da cidade, aí se “esconderam” os protagonistas de [Silvia M. B. Vilela de]*

---

<sup>42</sup> VALE, Vanda Arantes de. A arquitetura Latino-Americana da industrialização - Juiz de Fora (1880-1930). **Locus: Revista de História**. Juiz de fora, Vol 1, n. 1, 1995. p. 87. Ver também ANDRADE, Sílvia M. Belfort Vilela de. **Classe operária em Juiz de Fora**; uma história de lutas (1912-1924). Juiz de Fora: EDUFJF, 1987.

*Andrade (...). Encontramos dois tipos de construção nas vilas: com tijolo aparente e caiação. As do primeiro estão na Avenida Surerus, nas ruas dos Artistas, 31 de Maio e Padre Matias. As do segundo tipo são encontradas no Bairro São Mateus, bairro característico de classe média, a exemplo das vilas Célia, Ferreira Leite e Travessa Nossa Senhora do Amparo. É de se observar que essas vilas foram construídas nas áreas, outrora periféricas do bairro. Ainda com caiação, encontramos: vila das Viúvas - Rua Mariana Evangelista; Vila da Rua Benjamin Guimarães e Vila Caruso - Rua Batista de Oliveira.<sup>43</sup>*

---

<sup>43</sup> Idem. p. 86. Grifo nosso.

Este imóvel, especificamente, se diferencia da vila operária pela arquitetura e padrão de comodidade que oferece. Embora, tenha um padrão arquitetônico que lembra o avanço fabril, as dimensões do terreno em que fora construída mostra a privacidade e o conforto pretendido para os diretores da Cia. Industrial Mineira. Esta edificação na rua Benjamin Guimarães integrava, por assim dizer, um conjunto de casas construídas pela companhia. Ao todo somavam 12 casas nesta rua, além de outras nas ruas Mariano Procópio, avenida dos Andradas, estrada da Usina, Estrada do Imperador e no Serro Azul. Todas foram construídas para serem alugadas aos operários, assim como aquelas edificadas no Borboleta, por volta de 1948. <sup>44</sup>

O passeio de bonde feito pelo ilustre visitante Arthur Azevedo, em 1889, descrito em carta a um amigo,

---

<sup>44</sup> DICOM - Processo número 0174/45.

traz de volta os mais tênues traços do cotidiano vivido em Mariano Procópio, no final do século passado.

*Escolhi Mariano Procópio, naturalmente levado pela simpatia que consagro à memória do benemérito mineiro. Tomamos o bonde no Largo Municipal e percorremos caminhos muito aprazíveis durante o trajeto, o que mais me chamou a atenção foi o palacete de Mariano Procópio, atualmente habitado por seu filho. Soberba vivenda colocada numa elevação de terreno onde domina majestosamente um riquíssimo parque opulento e cuidadosamente plantado. Não creio que em parte alguma do mundo se possa estar melhor do que ali. Contíguo a esta propriedade fica o terreno destinado ao hipódromo Ferreira Lage, cuja inauguração*



*dizem-se que se fará brevemente. O prado é pequeno, mas como a raia terá a forma de um oito, à imitação da de Chantilly, haverá espaço mais que suficiente para as corridas. Vi de longe a Hospedaria dos Imigrantes que me pareceu bem localizada. Achei curiosíssimo o bairro chamado Colônia adiante de Mariano Procópio, habitado quase que exclusivamente por alemães. As casas são pobres, mas todas muito asseadas, e garridas, e nenhuma sem o seu jardimzinho. Durante o caminho, os olhos encantam-se na contemplação das flores mais preciosas cujo perfume embalsama suavemente o ar que se respira. De vez em quando passa por nós o leiteiro que leva o precioso líquido para a cidade onde vai vendê-lo a meia pataca o litro bem medido. O ponto*

*terminal desta viagem é uma fábrica de cerveja alemã cujo vasto jardim é, aos domingos, o ponto escolhido pelas famílias para um passeio no campo. Há lá um salão de dança muito freqüentado pelos alemães. Ao fundo, um coreto para orquestra e nas paredes caiadas as indefectíveis oleografias representando Guilherme Frederico Molke e Bismarck. <sup>45</sup>*

A viagem de Arthur Azevedo resgata a alma da cidade: o perfume, o movimento e a essência da vida em Mariano Procópio. Um local que misturava a tranqüilidade e o lirismo do campo com o comércio e as cervejarias que se instalavam em suas principais ruas, conforme já vimos acima.

Já no segundo quartel deste século algumas edificações ainda mantêm a essência do bairro, descrito por Arthur Azevedo. À rua **Duarte de Abreu**, uma homenagem ao médico, jornalista e escritor,

*natural de Simão Pereira. Filho do médico Sinfrônio de Abreu. Casado com Albertina Wigulein de Abreu. Presidente da Câmara e Agente do Executivo, em 1904/07. Oficial do II Registro de Títulos e Documentos do Rio de Janeiro. Presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia de Juiz de Fora. Cafeicultor da “Santo Antônio”, em Simão Pereira.* <sup>46</sup>

---

<sup>45</sup> ARQUIVO DORMEVILLY NÓBREGA. AZEVEDO, Arthur. “Carta a um amigo: Três dias em Juiz de Fora”. Jornal **O Pharol**, em 03/04/1889.

<sup>46</sup> PROCÓPIO FILHO, J. op. cit., p. 94 e 95. Ver também, do mesmo autor, **Aspectos da vida rural em Juiz de Fora**. p. 108.

Neste rua, encontra-se a edificação de **número 57**. Esta residência pertenceu a Otelino Ciampi.

*Filho de Tibério Ciampi e Eufêmia Ciampi. Casado com Judith Turola Ciampi. Comerciante de automóveis em geral. Diretor e fundador da S. A. Estabelecimento Ciampi. Paredo do Tupi F. C. Sua filha Odete é personalidade juiz-forana de 1971, por relevantes serviços sociais.* <sup>47</sup>

Integrante da família proprietária do Edifício Ciampi, localizado à avenida Barão do Rio Branco, número 2153/2165, teve seu imóvel transferido para Ophélia Ciampi Nóbrega, casada com Ananias de Oliveira Nóbrega, *natural de Entre Rios. Filho de Ananias Nóbrega e Maria Luiza de Oliveira Nóbrega.*

*Cirurgião-dentista.* <sup>48</sup> A senhora Ophélia, já viúva, vendeu o imóvel para Maria Célia Oliveira de Moraes, bancária. Conforme registro, a casa situa-se

*na rua Duarte de Abreu, 57 (antiga Rui Barbosa), com terreno que mede 11 ms de frente para a referida via pública por 30ms de profundidade, confrontando por um lado com Carlos Barbosa Leite, por outro com Jácomo Trifiglio e pelos fundos com Conrado Vargas, ou sucessores respectivos.* <sup>49</sup>

Construída no segundo quartel deste século, esta edificação demonstra, através de seu estilo eclético, a

---

<sup>47</sup> Idem. p. 268. Tibério Ciampi, era construtor de obras e comerciante. p. 308.

<sup>48</sup> Idem. p. 38.

<sup>49</sup> PREFEITURA DE JUIZ DE FORA. Departamento de Comunicação (DICOM), processo número 3512/52. Cartório do 3º Ofício, registro número 8.810, livro 3-H, folha 219, em 03/05/1991.

transformação econômica pela qual passava a cidade. E, neste aspecto, não foge do padrão arquitetônico do local onde se encontra implantada. Está em sintonia com as residências edificadas nas imediações: números 67 e 114, também em processo de tombamento. E, além disso, não destoam da tendência arquitetônica que se verifica na própria cidade, tendo em vista que Juiz de Fora não seguia, desde sua fundação, a cultura barroca mineira. Exatamente, por esta postura, o município vivenciou um dinamismo cultural a arquitetônico maior, abrindo espaço para um estilo que trazia em seu âmago elementos clássicos. Um contraponto interessante às construções fabris e de vilas operárias existentes nas imediações.

A residência de **número 67**, também eclética, do mesmo período daquela localizada no número 57, pertencia, em 1946, a Anunciato Trifilio e sua mulher Selene Ronzani Trifilio. A casa foi vendida a Lindolpho

Garcia de Almeida, agricultor residente em São João da Serra, distrito de Santos Dumont. O espólio do senhor Lindolfo, dividido entre a viúva Maria Luiza de Almeida e os nove filhos, estabeleceu que a referida residência caberia à Tharcilia de Almeida Scafutto, casada com Vicente Scafutto, cuja família estava ligada ao ramo de panificação na Avenida dos Andradas. Conforme a partilha formal dos bens, a casa apresentava-se,

*coberta de telhas, forrada, assoalhada, envidraçada, com instalações elétrica e sanitária, suas dependências e servidões e o respectivo terreno, que mede 11ms de frente por 24ms de fundos, confrontando com José Corrêa, Luiz Ferrala e Carlos Barbosa Leite.* <sup>50</sup>

---

<sup>50</sup> Cartório do 3º Ofício de Santos Dumont. Auto de partilha, número 3.313 - 1973 - folha 01.

Entre os vizinhos destas residências um proprietário nos chama atenção: Carlos Barbosa Leite. As famílias Barbosa Leite e Bertoldi foram de grande importância para o desenvolvimento do bairro Mariano Procópio. Edson Bertoldi e o cunhado Carlos Barbosa Leite, ligados ao ramo farmacêutico, foram os responsáveis pelo aterro hidráulico realizado neste bairro, dando origem, posteriormente, ao loteamento. Eles propuseram uma importante alteração na malha urbana, criando, através do aterro, a região da rua Henrique Bournier. Além disso, conforme depoimento de Dona Cristina Ribeiro de Castro, a família Bertoldi também possuía grande parte da antiga Vila Augusta, hoje, bairro Democrata. <sup>51</sup> Era uma grande extensão de terra que chegava até às imediações da Rodoviária, era denominada Vargem do Euclides. Depois

---

<sup>51</sup> Depoimento de Dona Cristina Ribeiro de Castro concedido à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 21/05/1998.

da morte do Sr. Carlos Barbosa Leite os filhos foram vendendo e, gradativamente, o senhor Francino Salzer foi comprando. Foi o senhor Francino Salzer quem contribuiu substancialmente para o desenvolvimento do bairro, construindo casas e abrindo ruas. As construções aos poucos foram se espalhando pela cidade: a Galeria Salzer, na Avenida Rio Branco, na rua Espírito Santo e outros lugares.<sup>52</sup>

Outra residência, na **rua Duarte de Abreu, número 114**, também em estilo eclético, complementa o conjunto histórico e arquitetônico instituído neste local. Na verdade, esta residência, construída no início do século, portanto, anterior às demais, foi vendida ao senhor Sebastião Rodrigues de Paula, comerciante, pelos

---

<sup>52</sup> Depoimentos da senhora Alice Salzer Rodrigues e seu filho senhor Antenor Salzer Rodrigues, concedidos em 13/08/1998, à Professora Mestra Leda Maria de Oliveira.

herdeiros do imóvel: a família Coury Jabour. A herança foi transmitida pelo espólio da senhora Angelina Antônio Coury Jabour, viúva do senhor Felipe Coury Jabour, *comerciante de tecidos e armarinho, na rua Marechal Deodoro, desde 1926.*<sup>53</sup> A venda foi realizada em 25 de março de 1973 pelos herdeiros: Paulo Rafael, comerciante e sua mulher Leila Jabour Rafael; Jamy David, comerciante e sua esposa Emma Jabour David; Nassir Youssef Khoury; libanês, comerciante e sua esposa Nazira Jabour Khoury, do lar; William Coury Jabour, advogado e sua esposa Denize Izabel Ragone Jabour; Wilson Coury Jabour, comerciante e sua mulher Maria da Conceição Lamoglia Jabour. Sendo este último *paredo político. Vereador em 1954/58/64/67 e 74/81. Presidente da*

---

<sup>53</sup> PROCÓPIO FILHO, J. op. cit., p. 110.

*Câmara Municipal em 1977. Funcionário Municipal.* <sup>54</sup>

Conforme registro, a residência possui:

*instalações, dependências, benfeitorias e servidões ativas, bem como seu terreno que mede 18,00ms de frente por 47,00ms de profundidade, dividindo por um lado com Etelvino Gomes Correa, por outro com sucessores de Tácito de Andrade e pelos fundos com sucessores de João Aquino (...).* <sup>55</sup>

Ainda no bairro Mariano Procópio, na **rua Agassis, número 71**, se encontra outra edificação eclética. Esta residência pertenceu ao Dr. Theodorico Álvares de Assis:

*Natural de Juiz de Fora. Filho de Theodorico Ribeiro de Assis e*

---

<sup>54</sup> Idem. p. 322.

<sup>55</sup> Cartório Olavo Costa, registro número 11.229, livro 3-J, folha 202, em 30/10/1974.

*Emerenciana Barbosa Álvares de Assis. Casado em primeiras núpcias com Margarida Penido Monteiro de Assis e em segundas núpcias com Antonieta Maria de Souza Assis. Industrial. Presidente da Companhia Mineira de Eletricidade. Técnico em Indústrias Têxteis pela Universidade de Manchester. Presidente da Companhia de Fiação e Tecelagem São João Evangelista. em 1976 recebeu a Medalha do Mérito Industrial de Minas Gerais. Fundou em 1958 a Navegação Aérea Brasileira - NAB, destinada a ligar Juiz de Fora com outras cidades brasileiras. Futebolista do Sport Club de Juiz de Fora. Aficionado do motociclismo. Investidor imobiliário, financeiro e acionário.* <sup>56</sup>

---

<sup>56</sup> PROCÓPIO FILHO, J. op. cit., p. 306.

A residência foi herdada pela filha do Dr. Theodorico Álvares de Assis, dona Margarida Maria Assis Ferraz.

Os prédios ecléticos encontrados no bairro Mariano Procópio, em ruas diferentes e distantes, são os únicos exemplares que ainda restam desse momento arquitetônico vivenciado naquela região. Eles nos fornecem indícios de proprietários de nacionalidade italiana e árabe numa área predominantemente alemã, em suas origens. Além disso, estão construídos em áreas cujas imediações sofreram reestruturação urbana com aterros, seja aquele empreendido por Carlos Barbosa Leite e Bertoldi, sejam as modificações pelas quais as áreas próximas ao rio Paraibuna foram submetidas, para reorientação do seu leito. Os locais das edificações e a arquitetura escolhida conferem com o momento de expansão econômica e corrida imobiliária, abrindo novas frente de construção.

São, portanto, exemplares únicos, em Mariano Procópio, que já se fazia evidente no centro comercial do município. Eles marcam uma nova fase ao coexistirem com as chácaras remanescentes e as vilas operárias de característica arquitetônica alemã.

**A parte referente aos aspectos arquitetônicos não foi entregue, pela Equipe de Arquitetura, para edição e publicação.**

## FONTES

### 1. ARQUIVOS

#### 1.1 Arquivo histórico da Prefeitura de Juiz de Fora

Fundo: Câmara no Império, série 23. Carta enviada à Câmara em 24/11/1857.

Fundo: República Velha. Prefeitura Municipal de Juiz de Fora - Decretos leis e Decretos de 1938 e 1939.

#### 1.2 Prefeitura de Juiz de Fora. Departamento de Comunicação (DICOM)

Processos 6835/46; 0174/45 e 3512/52.

#### 1.3 Arquivo da Sociedade Beneficente de Juiz de Fora

**Almanach de Juiz de Fora - 1898.** Organizado por Heitor Guimarães. Anno III, Juiz de Fora: Typographia Mattoso, 1898.

#### 1.4. Arquivo Dormevilly Nóbrega

- AZEVEDO, Arthur. “Carta a um amigo: Três dias em Juiz de Fora”. Jornal **O Pharol**, em 03/04/1889.

- NÓBREGA, Dormevilly. **Álbum Juiz de Fora em dois Tempos.**

### 2. CARTÓRIOS

#### **Cartório do 3º Ofício**

Registro número 8.810, livro 3-H, folha 219, em 03/05/1991.

#### **Cartório do 3º Ofício de Santos Dumont.**

Auto de partilha, número 3.313 - 1973 - folha 01.

#### **Cartório Olavo Costa**

Registro número 11.229, livro 3-J, folha 202, em 30/10/1974.



### **3. JORNAL**

Jornal **Tribuna de Minas**, de 06/06/1998 - 140 anos de imigração alemã.

### **4. FONTES ORAIS**

- Depoimento concedido à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 21/05/1998, pela senhora Cristina Ribeiro de Castro.

- Depoimento concedido em 12/08/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, pelo Sr. Alberto Surerus Moutinho, funcionário aposentado do Banco do Brasil.

- Depoimento concedido em 27/07/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, pela Irmã Mariza Nogueira Lara Rezende (Irmã Estefânia).

- Depoimento concedido em 09/07/1998, à estagiária Raquel Pereira Francisco, pela Professora Mestre Wanda Arantes do Vale.

- Depoimento concedido em 13/08/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, pela senhora Alice Salzer Rodrigues.

- Depoimento concedido em 13/08/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, pelo psicólogo Antenor Salzer Rodrigues,.

### **ANEXO 01**

#### **REGISTRO DE TERRAS <sup>57</sup>**

A Fazenda da Fortaleza da Santa Anna pertencente a Dona Maria Jose de Santa Anna, sita na Freguesia e Municipio de Santo Antônio do Paraibuna, compoem-se de Sesmaria e posses que pertencerão ao Tenente Coronel Maximiniano José Pereira de Souza, de terras incostadas a Serra da Babilonia, de meia Sesmaria pouco mais ou menos, que forão compradas a João de Souza Pereira, de hum quarto de terras compradas a Antônio Pereira, que houve da Sesmaria de Maria Dias, e de posse que forão de Izabel de tal, as quaes forão trocadas com José da Costa por igual porção de terras unidas à fazenda na linha divisória com a mesma e com humas posses compradas a Manoel da Costa. Em cima da Serra da Babilonia, e por detrás da Pedra da Fortaleza existem as terras compradas a Antonio Jose Gonçalves constantes de Sesmaria e meia

---

<sup>57</sup> Arquivo Público Mineiro. Livro de Registro de Terras. Documento: RP 145: fls 2-6.

pouco mais ou menos medidas e demarcadas, e posses com agoas vertentes para o Ribeirão do Limoeiro e agoas que vão servir a fazenda de Jose Garcia Monteiro Bretas e agoas vertentes para o Kagado. Sette alqueires e meio pouco mais ou menos comprados a Joaquim Antonio Affonso em vertentes para o Kagado, Ribeirão do Limoeiro: meia Sesmaria em agoas do Ribeirão do Henriques e humas posses e agoas do Kagado, que todas estas terras reunidas forão havidas de João de Souza Pereira, prefazem tres quartos de Sesmaria poco mais ou menos. A Fazenda composta de todas estas terras reunidas divide pelos lados com Domiciano Alves Garcia, José da Costa, com terras que forão de Antonio Manoel Cassador, com os herdeiros de Maria Dias com Jose Garcia Monteiro de Bretas, com Julião de tal, com Miguel de Paula Rodrigues, com Inocenta de tal, com Pedro Antonio de Medeiros, joaquim Antonio Affonso e Dona Marianna [Souza] Duarte. Santo Antonio do Parahybuna trinta e hum de dezembro de mil oito centos e cincoenta e cinco.

Como Procurador Marianno Procopio Ferreira Lage

As terras que possui a Companhia União e Indústria, compreendidas neste Municipio de Santo Antonio do Parahybuna, e que passam a ser registradas são

as seguintes; por compras feitas a Dona Anna Bernarda de São Jose como herdeira do finado Capitão Mor João Francisco Pimentel em quatro de Abril de mil oito centos e cincoenta e tres = Huma sexta de terras sitas no lugar denominado Caxoeira. Filismino Jose Vieira como tutor de sua netta Guilhermina, herdeira do refferido Capitão Mor João Francisco Pimentel em quatro de Abril de mil oito centos e cincoenta e tres = Huma sexta de terras sitas no lugar denominado Caxoeira. Dona Joanna Claudina de Jesus, como herdeira do mesmo finado Pimentel em quatro de Abril de mil oito centos e cincoenta e tres = Huma sexta de terras sitas no lugar denominado Caxoeira. Ildefonso Cerqueira Leite, como herdeiro do dito Capitão Mor Pimentel em dois de Abril de mil oito centos e cincoenta e tres = Huma sexta de terras sitas no lugar denominado Caxoeira. Nota: As compras que ficão indicadas comprehendem as terras seguintes: desde a Ponte do Ribeirão da Cascata pela estrada antiga (do Parahybuna) em direcção a Villa de Santo Antonio do Parahybuna, athe o valle que divide o pasto com a Caxoeira alem do ditto pasto (cujo vallo he fronteiro ao que forão de Marcellino Antonio Correa, e Severino Dias Tostes) com os fundos correspondentes, cuja direcção pelo lado da Villa se acha determinada pelo referido vallo aberto atté em baixo da Serra no lugar onde

desce a agua que sahe do rego feito pelo Engenheiro Fernando Halfeld nas mesmas terras vendidas e se dirige para o lado da mesma Villa. Para o outro lado tambem da parte inferior da Estrada do Parahybuna serve de divisa o mesmo Ribeirão da Cascata athe o Vallo que divide os fundos das terras de Manoel da Costa, cuja o vallo segue na direção dos fundos dividindo com a Fazenda da Tapera (parte de terras desta Fazenda já se comprou segundo se vê a continuação). Isto qui precede he em relação ao lado de sima da mencionada Estrada e pelo lado de baixo comprehende o rancho a beira do caminho com as terras correspondentes athé Estrada Nova divisando com o terreno qui pertenceo a Innocencio da Costa Silva. Dona Miquelina Anna Angélica de Castro e seo marido como possuidores de huma sexta de terra sitas no lado de baixo da Estrada do Parahybuna, em onze de Agosto de mil oito centos e cincoenta e tres = Este terreno divide pela frente com a Estrada Nova do Parahybuna com fundos athé a Estrada Nova da Companhia União e Industria, e pelos lados com terras que pertencem a Innocencio da Costa Silva de huma parte e da parte da Villa com terras que pertencerão a Innocencio Alves Porttela. Conselheiro Jose Cesario de Miranda Ribeiro e sua mulher (hoje Visconde e Viscondessa de Uberaba) como senhores e possuidores de huma sexta de terras sitas no lugar denominado Saudade

em vinte e hum de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e quatro. Estas terras abrangem toda a testada da Fazenda Monte-Bello athé o Rio Parahybuna que as divide pelo lado da dita Fazenda: pelo lado opposto dividem com a Fazenda de Santa Cruz, pelo norte com a Fazenda de Bemfica, e pelo sul com a Fazenda do Ribeirão. Innocencio da Costa Silva e sua mulher como senhores e possuidores de huma sexta de teras sitas no lugar denominado Caxoeira Alta em trinta e hum de Março de mil oito centos e cincoenta e quatro = Esta sexta de terras na qual já existiam alguns edificios quando foi comprada, faz frente do lado de sima no limite com a Estrada do Parahybuna, tendo seus fundos athé a Estrada no da Companhia União e Industria. Por hum lado com terras que forão dos herdeiros do Guarda Mor Pimentel, pelo lado da Villa com o terreno qu pertenceo a Dona Miquelina Anna Angelica da Costa e seu marido. Tanto estas terras outrora de Dona Miquelina como aquellas dos herdeiros do finado Pimentel, pertencem hoje a Companhia União e Industria como já se tem dito. Innocencio Alves Portella, e sua mulher como senhores e possuidores de huma sexta de terras e benfeitorias sitas no lugar denominado Caxoeira em seis de Junho de mil oito centos e cincoenta e quatro = Estas terras com testada e frente do lado de sima para a Estrada do Parahybuna, e

fundos até a Estrada Nova da Companhia União e Industria dividem por um lado com o terreno que foi de Dona Miquelina Anna Angelica de Castro (hoje da Companhia) e pelo lado da Villa com o vallo limitrofe de terras que pertencerão a Marcellino Correa e Severino Dias Tostes. Jose Ribeiro de Miranda como senhor e possuidor de uma sexta de terras pertencentes a Fazenda denominada Tapera, em doze de Setembro de mil oitocentos e cinquenta e cinco = Estas terras constão de tres grotas que dividem com terreno que a Companhia União e Industria possui por compra feitas aos herdeiros do finado Pimentel; cujas agoas se reúnem a um correjo que vem desaguar no Ribeirão da Cascata, por baixo da ultima Caxoeira, antes de entrar no Rio Parahybuna. Justiniano Jose de Andrade e sua mulher como senhores e possuidores de uma sexta de terras sitas no lugar denominado Gratidão na Fazenda do Juiz de Fora do lado de cima da Estrada do Parahybuna, por compra feita ao Capitão Manoel Ribeiro Tostes, cujas terras venderão a Companhia em vinte e sete de Outubro de mil oitocentos e cinquenta e cinco = Esta sexta de terras cento e vinte palmos de frente na Estrada do Parahybuna e fundos até completar meia parte de planta de milho, e dividia com terras de Antonio Marcellino Correa e Cezario Jose de Souza e Silva. Silvestre Coelho Santos e sua mulher

como senhores e possuidores de uma sexta de terras sitas no lugar denominado Alto da Cruz do lado de cima da Estrada do Parahybuna e havidos por doação que o Guarda Mor Pimentel fez a mulher do dito Santos = em tres de Dezembro de mil oitocentos e cinquenta e cinco. Esta sexta tem cinquenta palmos de frente na Estrada do Parahybuna e fundos correspondentes até completar metade de meia quarta da planta; dividindo por um lado com terra que forão do Guarda Mor João Francisco Pimentel, e da Companhia por venda que fizerão os herdeiros, e do outro lado com terreno que foi de Antonio Jacinto dos Santos. Pedro José Henriques e sua mulher como possuidores de uma sexta de terras sitas no lugar denominado Gratidão do lado de cima da Estrada do Parahybuna, por execução promovida a Antonio Rodrigues dos Santos = em quatorze de Dezembro de mil oitocentos e cinquenta e cinco. Esta sexta tem setenta e cinco palmos de frente na Estrada do Parahybuna e divide com terras que forão de Silvestre Coelho dos Santos, e por outro lado com as que forão de Maximiano Jose de Andrade sitas da parte da Villa. Seos fundos vão até o alto do morro. Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld e sua mulher tres partes de terras sitas no alto da Gratidão do lado de cima da Estrada do Parahybuna senhores e possuidores de uma por herança do fallecido Capitão

Antonio Dias Tostes e de outra por troca feita com Marcellino Dias Tostes e da outra por troca feita com Jose Antonio Henriques = em trinta de Dezembro de mil oito centos e cinquenta e cinco. Estas tres partes de terras conjuntas dividem pelo lado aquem da Villa com as que a Companhia comprou a Justiniano Jose de Andadre e pelo lado da Villa com o terreno comprado pela mesma [ ] Empresa a Antonio Dias Tostes cujos tres quinhões com toda a sua largura tem os fundos sempre correspondentes até encontrar a Sesmaria de Freitas Bello. Antonio Dias Tostes e sua mulher duas partes de terras sitas no lugar denominado Gratidão do lado superior da Estrada do Parahybuna; senhores e possuidores de huma por herança do fallecido Capitão Antonio Dias Tostes e de outra por compra feita a Cassiano Dias Tostes em cinco Janeiro de mil oito centos e cinquenta e seis. As terras dessas duas partes com a sua correspondente largura chegam somente com fundos até o alto do morro que verte para a Estrada do Parahybuna e sendo estes aqui interrompidos tomão a partir do alto da Serra com a mesma largura até o fim da Fazenda do Juiz de Fora. Esses quinhões forão outrora pertencentes a Severino Dias Tostes, e divisão pelo lado aquem da Villa com terras vendidas a Companhia pelo Comendador Fernando Halfeld e pelo lado opposto com as que pertencião a Dona Guilhermina Celestina da

Natividade. Dona Guilhermina Celestina da Natividade a meação de terras sitas no lugar denominado Gratidão do lado superior da Estrada do Parahybuna da qual era senhora e possuidora por herança de seu fallecido marido Antonio Dias Tostes = em sete de Janeiro de mil oito centos e cinquenta e seis. Os fundos das terras dessa meação, com toda a sua largura, são somente até o alto do morro que verte para a Estrada do Parahybuna, e sendo os fundos aqui interrompidos até o alto da Serra a partir deste ponto com a mesma largura até o fim da Fazenda do Juiz de Fora . As terras comprehendidas na parte dessa meação vendidas forão outrora pertencentes a Severino Dias Tostes e divisão pelo lado aquem da Villa com terras compradas a Antonio Dias Tostes, e pelo lado da Villa com quem pertencer. Estação do Juiz de Fora oito de Janeiro de mil oito centos e cinquenta e seis.

Marianno Procópio Ferreira Lage.

As terras que o abaixo assignado possui neste Municipio de Santo Antonio do Parahybuna, e que passão a ser registradas são as seguintes por compras feitas a Dona Joanna Claudina de Jesus, como herdeira do finado Capitão Mor João Francisco Pimentel em primeiro de Abril de mil oito centos e cinquenta e tres = Huma sorte de terras sitas da parte de baixo da Estrada do Parahybuna

no lugar denominado Caxoeira. Esta sorte compreende o terreno que da Ponte da Cascata segue do lado de baixo da Estrada do Parahybuna até apontar a Estrada Nova da Companhia União e Indústria que he a divisa pela frente com fundos até o Rio Parahybuna. Pelo lado do Ribeirão da dita Cascata, divisa com terras pertencentes a Manoel Jose da Costa, e pelo outro lado no rumo que seguia para o Rio Parahybuna com terras que pertencerão a Innocencio da Costa Silva e sua mulher. Dona Miquelina Anna Angelica de Castro e seu marido, senhores e possuidores de huma datta de terras sitas no lugar denominado Canal, da parte de baixo da Estrada Nova da Companhia União e Indústria = em onze de Agosto de mil oito centos e cincoenta e tres. Este terreno que se acha incravado entre terras que possuem Innocencio da Costa Silva. Innocencio Alves Portella, divide pelo lado de cima com a Estrada Nova da Companhia União e Indústria e segue com os fundos até o Rio Parahybuna. Innocencio da Costa e Silva e sua mulher como senhores e possuidores de huma sorte de terras sitas no lugar denominado Caxoeira alta do lado de baixo da Estrada Nova da Companhia União e Indústria = em trinta de Março de mil oito centos e cincoenta e quatro. Estas terras pelo lado da Villa dividem com as que precedem compradas a Dona Miquelina Anna Angelica de Castro, e

pelo lado aquem com as que pretencerão a Dona Joanna Claudina de Jesus. A Estrada Nova da Companhia União e Indústria he a sua divisa pela frente seguem em toda sua largura com fundos até o Rio Parahybuna. Innocencio Alves Portella e sua mulher, como senhores e possuidores de huma sorte de terras sitas no lugar denominado Caxoeira do lado de baixo da Estrada Nova da Companhia União e Indústria = em seis de Junho de mil oito centos e cincoenta e quatro. Estas terra pelo lado da Villa chegam e divisão com o Vallo limitrofe as que pertencerão a Antonio Marcelino Correa e Severino Dias Tostes, e pelo lado aquem com as compradas a Dona Miquelina Anna Angelica de Castro. A Estrada Nova da Companhia União e Indústria he a sua divisa pela frente e seguem em toda a sua largura com fundos até o Rio Parahybuna. Antonio Dias Tostes e sua mulher parte de dois quinhões de terras sitas no lugar denominado Gratidão do lado superior da Estrada do Parahybuna; senhores e possuidores de hum por herança do fallecido Capitão Antonio Dias Tostes, e de outro por compra feita a Cassiano Dias Tostes = em cinco de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e seis. Estas terras são parte dos dittos dois quinhões em toda a sua largura constante das vertentes entre o alto do morro imediato a Estrada do Parahybuna, e o alto da Serra; dividindo por hum lado, isto he pelo lado aquem da Villa

com as vendidas a Companhia União e Industria pelo Comendador Fernando Halfeld e pelo lado da Villa com as vendidas a mesma Companhia por Dona Guilhermina Celestina da Natividade. Dona Guilhermina Celestina da Natividade parte da meação de terras sitas no lugar denominado Gratidão, do lado superior da Estrada do Parahybuna, das quaes essa Senhora e possuidora por herança de seo falecido marido Antonio Dias Tostes, outrora pertencentes a Severino Dias Tostes = em sete de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e seis. Esse terreno he a parte da ditta meação em toda a sua largura, constante das vertentes entre o alto do morro immediato a Estrada do Parahybuna, e o alto da Serra, divisando por hum lado, isto hé pelo lado aquem da Villa com as terras vendidas a Companhia União e Industria por Antonio Dias Tostes, e pelo lado da Villa a quem pertencer. Comendador Henrique Guilherme Fernando Halfeld e sua mulher tres partes de tres quinhões de terras sitas na Fazenda do Juiz de Fora do lado de baixo da Estrada do Parahybuna; senhores e possuidores de huma parte desses quinhões por herança do fallecido Capitão Antonio Dias Tostes, de outra por troca feita com Marcellino Dias Tostes, e da outra por troca tambem feita come Antonio Henriques = Doação feita em dose de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e seis. Essas terras conjuntas que são parte dos

mencionados tres quinhões tem a sua frente em toda a sua largura (vinte e quatro braçaspouco mais ou menos) no lado de baixo da Estrada do Parahybuna e fundos sempre correspondentes athé o Rio do mesmo nome atravessando a Estrada Nova da Companhia União e Industria. Pelo lado aquem da Villa e na extensão comprehendida entre as duas Estradas do Parahybuna e Nova da Companhia União e Industria dividem com terras pertencentes a esta Empresa, que forão de Innocencio Alves Portella desde a mencionada Estrada Nova athé o Rio Parahybuna com as que tambem pertencerão ao mesmo Portella e hoje doados a sua divisa pello lado da Villa será com quem haja de pertencer. Estação do Juiz de Fora treze de Janeiro de mil oito centos e cincoenta e seis.

Núcleo Hist. da Av. dos Andradas e bairro M. Procópio  
M. Procópio

Núcleo Hist. da Av. dos Andradas e bairro



## ANEXO 02

BERNARDO MASCARENHAS, n.º 365 - Organograma dos proprietários

João Correia

Barbosa(1876-1939)-----Maria Livramento

Louis Andrés -----Custódia Las Casas Andrés

(1846-1915) | (Portuguesa)

[Colégio Andrés] |

(1908) ---Aurora Corrêa Barbosa

(Farmácia Correia –

Rua Bernardo Mascarenhas) |

Otávio Duarte Corrêa Barbosa

Dr. Alberto Andrés |

?

Carlos Andrés -----Olga Barbosa Leite

Manoel B. L.

Carlos B. L.-----Augusta B. L.

Clara B. L. ----Edson

Bertoldi

(1885-1965 )

(farmacêutico)

(1870-1938)

(1899) |

(1904)

(Farmacêutico “Capivarol”)

(Farmacêutico

| (Farmacêutico)

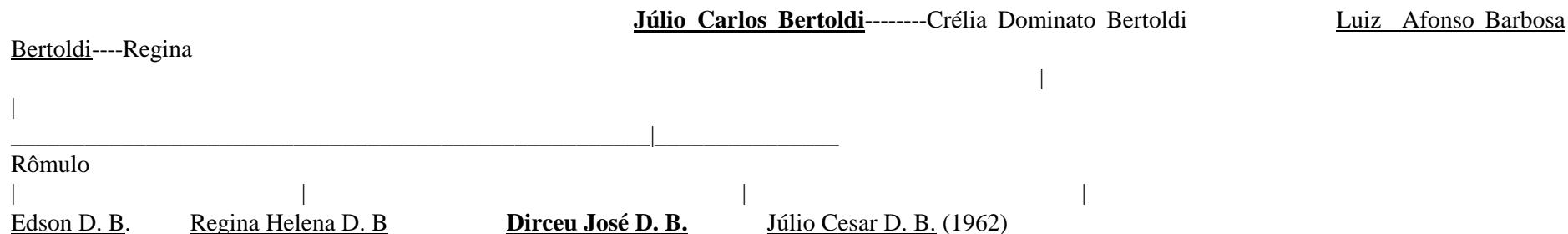
*pai do prof.*

“Capivarol”)

*Manuel*

*B.L.Filho*

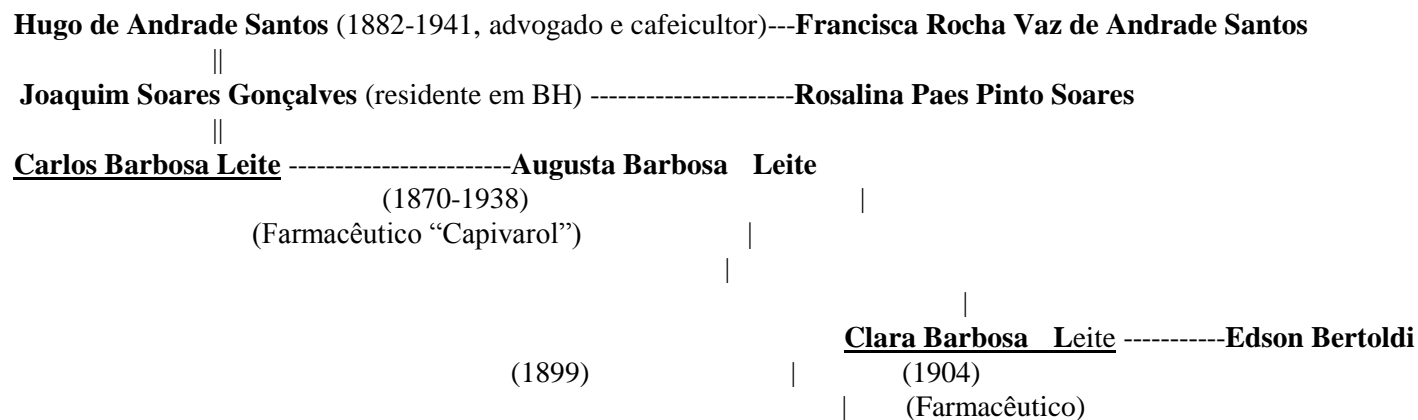
*ICHL*



Obs: **Edson Bertoldi** doou a casa para o filho Júlio e os netos (Edson, Regina, Dirceu e Júlio Cesar) em 1966.  
Foram notificados Júlio C. Bertoldi e Anselmo L. Damasceno Ferreira como proprietários da casa  
O Dirceu José fez a defesa da impugnação  
Carlos Barbosa Leite + Edson Bertoldi fizeram loteamentos em Mariano Procópio (Carlos = Vila Antônio Carlos, 1927, aterro Hidráulico)

### ANEXO 03

BERNARDO MASCARENHAS, n.º 365 - Organograma dos proprietários



Júlio | Carlos

Bertoldi-----Crélia Dominato Bertoldi

Edson Dominato Bertoldi

Regina Helena D. B

Dirceu José D. B.

Júlio Cesar D. B. (1962)

Obs: Joaquim Soares Gonçalves comprou a casa de Hugo de Andrade Santos.

Carlos Barbosa Leite comprou a casa em 1929.

Clara Barbosa Leite Bertoldi, casada com Edson Bertoldi, adquiriu a casa por herança de Augusta Barbosa Leite (espólio), em 1938

**Edson Bertoldi** doou a casa para o filho Júlio e os netos (Edson, Regina, Dirceu e Júlio Cesar) em 1966.

Foram notificados Júlio C. Bertoldi e Anselmo L. Damasceno Ferreira como proprietários da casa

**Patrícia Falco Genovez** <sup>58</sup>

## ANEXO 04

### EDIFICAÇÃO ISOLADA RUA BERNARDO MASCARENHAS, 365

#### Aspectos Históricos

<sup>58</sup> Doutoranda no programa de Pós-graduação da Universidade Federal Fluminense, membro do Núcleo de História Regional da UFJF, membro do Conselho Editorial da Revista Eletrônica de História do Brasil (<http://www.ufjf.br/~clionet/rehb>), historiadora responsável pela elaboração final do texto histórico para instrução de processos de tombamento, junto à Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.

*Tendo-se em vista a área hoje ocupada pela cidade, difícil será aquilatar-se qual seria a melhor: a de propriedade dos Tostes e Halfeld ou a disponível à Companhia União e Indústria. Eram, pelo menos, equivalentes. As duas populações urbanas se equivaliam numericamente. Os construtores de lá [localidade onde morava o Comendador Mariano], mestres escolhidos a dedo, gente branca alfabetizada; os de cá [área urbana onde estava instalava a Câmara Municipal] salvo um ou outro português que jurara não pegar no pesado - caboclada se aglomerando aos poucos sob a batuta de meia dúzia de caudilhos afazendeirados, mais escravos que brancos, pedreiros semi-analfabetos práticos em construções de taipa, construindo casas desenhadas por fazendeiros.(...) Só usavam do lado de cá o médico e o padre em horas extremas. Até um nome já tinham: um nostálgico **Rio Novo** que não pegou e foi mudado repentinamente, para **Estação de Juiz de Fora**. Palácio governamental já tinham - e*

*o chamavam mesmo de **O Castelo**. (...) Lá Mariano era rei, cá vereador de décima suplência (humilhante!), de Câmara que só dele se lembra para admoestações, para exigir que ele tapasse os buracos da principal rua da cidade de Halfeld. <sup>59</sup>*

O trecho, de Jair Lessa, nos remete para a história da cidade nas décadas de 60, 70 e 80 do século passado. Falar do imóvel situado à rua **Bernardo Mascarenhas, número 365**, exige um dimensionamento histórico não apenas da própria edificação mas, sobretudo, da área onde foi construída. Portanto, será preciso ter em mente duas lógicas: a da imigração e a da mudança na ocupação espacial da cidade em virtude da construção da Rodovia. As duas questões estão intrinsecamente ligadas à história da formação do município em relação à conformação

---

<sup>59</sup> LESSA, J. **Juiz de Fora e seus pioneiros**. Juiz de Fora: UFJF/FUNALFA, 1985. p. 73. Grifo nosso.

urbanística, cultural e social. Portanto, enquanto fonte de pesquisa para as áreas de história urbana, história sócio-econômica e história sócio-cultural a contribuição é bastante valiosa.<sup>60</sup>

Para a história econômica, uma nova fase se descortinou nos recentes trabalhos de pós-graduação nas universidades brasileiras.

*Procedimentos que buscaram se alicerçar no manejo de técnicas de pesquisa e "corpus" documentais muitas vezes inéditos. Dentre as áreas que, desde então, ganharam impulso maior destacam-se os estudos acerca do mercado interno, de estruturas agrárias da época da*

---

<sup>60</sup> Para se ter uma idéia da importância cultural da chegada dos imigrantes à Juiz de Fora, no Caderno Dois, do Jornal **Tribuna de Minas**, de 06/06/1998, há o destaque para mobilização da grande comemoração realizada no Bairro Borboleta, "evocando suas raízes culturais", quando do 140 anos de imigração alemã.

*escravidão, comércio exterior e industrialização, demografia, história empresarial etc.*<sup>61</sup>

Os trabalhos dos professores, da UFJF, Luiz Antônio do Valle Arantes, Mônica Ribeiro de Oliveira e Anderson Pires são exemplos dos esforços em solucionar as várias lacunas acerca da história econômica da cidade.<sup>62</sup> Ao trabalharem a questão da imigração e da formação do capital para a industrialização eles nos fornecem

---

<sup>61</sup> FRAGOSO, João & FLORENTINO, Manolo. História Econômica. In: CARDOSO, Ciro e VAINFAS, Ronaldo (org). **Os domínios da História. Ensaio de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 41.

<sup>62</sup> PIRES, Anderson José. **Capital agrário, investimento e crise na cafeicultura de Juiz de Fora - 1870/1930**. Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 1993. OLIVEIRA, Mônica Ribeiro de. **Imigração e industrialização: os alemães e os italianos em Juiz de Fora (1854-1920)**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1991. ARANTES, Luiz Antônio do Valle. **As origens da burguesia industrial em Juiz de Fora - 1858/1912**. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1991.

informações que ainda podemos confirmar ao percorrer as ruas do bairro Mariano Procópio e suas imediações onde formou-se a colônia criada para os alemães. Através dos indícios deixados nas construções e na história de seus descendentes, é possível ter uma dimensão melhor da contribuição dos mesmos para industrialização e urbanização da cidade, na transição do século XIX para o século XX. Testemunhos que ainda podem fornecer inúmeros outros dados ainda não trabalhados.

Ao contextualizarmos a chegada dos primeiros imigrantes alemães, a cidade, na segunda metade do século XIX, se desenvolvia às margens do Caminho Novo (rua Direita), traçado pelo engenheiro Halfeld. Em termos urbanos, o município se concentrava ao longo dessa estrada. Em suas margens foram construídos os principais centros de poder: a Igreja, as Repartições Públicas e a Praça Central da cidade, além disso, era o local escolhido

pelos "bem nascidos" para construção de seus belos sobrados. Era, por assim dizer, a alma da cidade. Onde figuras importantes transitavam, o comércio da praça fervilhava e o poder se fazia presente, seja através da política, seja através das construções imponentes que se estendiam por toda a rua Direita (atual avenida Rio Branco), confirmando o poder econômico dos barões do café, tornando-o visível e palpável a todos.

Foi logo depois que a vila de Santo Antônio do Paraibuna transformou-se em cidade que o centro do município foi configurado. O vereador Alves Garcia propôs a abertura de cinco novas ruas: rua do Cano (atual Sampaio), Califórnia (atual Halfeld) <sup>63</sup>, Imperial (ou

---

<sup>63</sup> PROCÓPIO FILHO, J. **Retalhos do Passado**. Juiz de Fora: Edição do autor, 1966. p. 190. *Conta-se que, numa visita de d. Pedro II à cidade, quando em passeio pelo Morro do Imperador, o Engenheiro Halfeld manifestou ao Imperador o desejo de que essa*

Imperatriz, atual Marechal Deodoro), Santo Antônio e rua Formosa (a rua do Comércio, atual Batista de Oliveira). Estava traçado o centro nervoso da cidade, local de concentração do comércio, da política e da cultura. A preocupação constante com uma urbanização disciplinada permaneceu na década de 1860, quando foi encomendada uma planta da cidade ao engenheiro Gustavo Dodt.<sup>64</sup> Contudo, é importante frisar, esta preocupação não se estendia à área onde se instala o imóvel em processo de tombamento.

A construção da Rodovia União & Indústria, inaugurada em 1861, com a presença marcante do Imperador do Brasil e de sua corte, o comendador

---

*rua trouxesse o nome de sua Majestade, ao que este retrucou prontamente: “Pois ela se chamará Halfeld”.*

<sup>64</sup>**Juiz de Fora em dois tempos. Tribuna de Minas.** Juiz de Fora, 1997. p. 15. Sobre as ruas Halfeld e Marechal Deodoro ver também

Mariano Procópio, mexeu nos pilares da organização urbana da cidade, deslocando o traçado da Rodovia para fora do perímetro urbano, cuja concentração já se fazia ao longo da rua Direita. Assim, o comendador deu início à primeira transformação no traçado urbano do município. Além de perder qualquer benefício financeiro por parte da Província, em virtude do alto valor empregado na Rodovia, o comendador Mariano, enfureceu os políticos locais. Não houve preocupação em estabelecer uma estação na cidade, obrigando os moradores a se deslocarem até a Estação de Rio Novo, localizada fora do perímetro urbano, distante três quilômetros do núcleo urbano original, instalado ao longo da rua Direita.<sup>65</sup> A

---

ESTEVEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915. p. 162 e 163.

<sup>65</sup> Sobre a questão da rivalidade existente entre Mariano Procópio e os políticos locais, encarregados da defesa dos interesses do núcleo de povoamento instalado originalmente ao longo do Caminho Novo

construção da Rodovia trouxe, à cidade, os primeiros imigrantes.

A chegada da primeira leva de alemães ocorreu na segunda metade do século XIX. Juiz de Fora (Vila de Santo Antônio do Paraibuna) possuía, na época, um número bem reduzido de estrangeiros; alguns poucos portugueses e italianos fixados espontaneamente, e uma grande quantidade de escravos (62,3%).<sup>66</sup>

*Nesta década [1850] se iniciou a construção da Estrada União e Indústria com o objetivo de encurtar a viagem entre a Corte e a Província de Minas, destinando-se ao escoamento de café. Para a construção da estrada, Juiz de Fora recebeu a*

---

ver GENOVEZ, Patrícia Falco. **As malhas do poder: uma análise da elite de Juiz de Fora na segunda metade do século XIX.** Dissertação de mestrado, Niterói, UFF, 1996.

<sup>66</sup> OLIVEIRA, Mônica R. de.op. cit., p. 48.

*primeira leva de imigrantes europeus; todos alemães. Chegaram, no início, arquitetos, engenheiros, artífices e, além disso, 1.162 colonos para a constituição da colônia de Dom Pedro II.*<sup>67</sup>

Não podemos perder de vista que a criação da colônia atendeu, em primeiro lugar, aos objetivos particulares do Comendador Mariano Procópio, garantindo mão-de-obra para a construção da estrada União e Indústria, valorizando terras e trazendo recursos do governo para cobrir os déficits de sua companhia.<sup>68</sup>

O deslocamento do centro urbano não foi a única consequência do empreendimento do Comendador Mariano. A Rodovia também gerou um outro pólo de

---

<sup>67</sup> Idem. p. 50.

<sup>68</sup> Idem. p. 57.



desenvolvimento fora do perímetro urbano da então cidade do Paraibuna. Uma situação que o Comendador fez questão em manter, como ficou explícito num ofício remetido ao Presidente da Província em 1857, demonstrando sua reprovação ao fato da Câmara incluir tais propriedades dentro dos limites da cidade.<sup>69</sup>

A diferença em relação às localidades tornou-se perceptível na própria descrição do Imperador quando o mesmo diz chegar ao **Juiz de Fora**, quando da inauguração da Rodovia União e Indústria em 1861. Diferença que se faz presente quando o Monarca fala da visita à **cidade do Paraibuna** no dia seguinte a sua chegada. Pelas rixas e pelas querelas frequentes, não pareceu ser apenas uma divergência com relação à

---

<sup>69</sup> ARQUIVO HISTÓRICO DA CIDADE DE JUIZ DE FORA. Arquivo da Câmara no Império. Série 23. Carta enviada à Câmara em 24/11/1857.

designação toponímica. Para quem viveu a época, como o major Ignácio da Gama, eram efetivamente lugares diferentes e não somente nomenclaturas alternativas para designar um mesmo lugar.<sup>70</sup> A divisão da cidade ficou ainda mais evidenciada, quando, em 1911, foi criado o distrito de Mariano Procópio.<sup>71</sup> Já em 1912, a delimitação da área urbana apresenta alterações:

*(...) Pelo Norte, a começar do morro vertente da fazenda da Divisa, por uma linha quebrada, acompanhando as sinuosidades do mesmo morro até a primeira ponte, na estrada de mac-adam, próximo a fazenda da Tapera e dahi pelo ribeirão até o rio*

---

<sup>70</sup> GENOVEZ, Patrícia Falco. op. cit., Parte II.

<sup>71</sup> OLIVEIRA, Paulino de. **Efemérides juizforana**. Juiz de Fora: EDUFJF, 1975. p. 177. O distrito de Mariano Procópio foi criado pela lei número 556, de 1911; decreto número 6.646 do Governo de Estado. Sobre eleições de vereador e juiz de paz (que não chegou a ocorrer efetivamente) ver p. 185 e 192.

*Paraybuna, por esse, indo ao ponto fronteiro do morro que fica pouco além da fábrica de cerveja José Weiss.* <sup>72</sup>

Contudo, ainda na segunda metade do século XIX, do outro lado do Morro da Gratidão, Mariano Procópio fomentava em ritmo acelerado a constituição da colônia D. Pedro II, dividida em três partes:

*(...) colônia de cima; colônia do meio; colônia de baixo. Ainda foi criado um bairro mais próximo ao centro, de nome Villagem, onde residiam os trabalhadores braçais e operários ligados à companhia. A Villagem era o ponto de contato dos colonos com os moradores da cidade e seria através dela que, mais tarde, os colonos abandonariam*

---

<sup>72</sup> ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1915. p. 155.

*seus prazos e se concentrariam próximos à zona urbana.* <sup>73</sup>

A área compreendendo três bairros: Fábrica, São Pedro e Borboleta (mapa 01 <sup>74</sup>), foi dividida em 384 prazos ou lotes, conforme pode-se observar no mapa 02. Espaço, posteriormente, fracionado no início do século XX, atendendo a algumas demandas do mercado imobiliário. <sup>75</sup> O processo de aquisição das terras realizado pelo Comendador Mariano (ANEXO 01), mostra a disposição em cercar a cidade. Pelos limites que constam no documento o avanço *marianista* só encontrou resistência junto às propriedades dos Halfeld e dos Paula

---

<sup>73</sup> OLIVEIRA, Mônica R. de. op. cit., p. 68.

<sup>74</sup> Ver o volume 11 da Coleção História e Arquitetura de Juiz de Fora.

<sup>75</sup> MIRANDA, Sônia R. **Cidade, capital e poder**: políticas públicas e questão urbana na Velha Manchester Mineira. Dissertação de Mestrado, Niterói, UFF, 1990. p. 96.

Lima, famílias que já contavam com raízes bem profundas quando a cidade era apenas a vila de Santo Antônio do Paraibuna, em 1850. <sup>76</sup>

Dentro da Villagem, a área de destaque já se definia: a primitiva Rua da Colônia (atual Bernardo Mascarenhas, <sup>77</sup> *antiga chácara do Barão de Pitangui, primo-irmão de Mariano*. <sup>78</sup> Rua que, depois, tornou-se pólo atrativo para a elite em virtude da fábrica de cerveja do alemão José Weiss, fundada em 15 de setembro de 1879. <sup>79</sup> A fábrica marcava o final da rua, *iniciada no*

---

<sup>76</sup> GENOVEZ, Patrícia Falco. **As malhas do Poder**. op. cit., Parte II.

<sup>77</sup> Idem. Ver também o volume 11 da Coleção História e Arquitetura de Juiz de Fora.

<sup>78</sup> BASTOS, Wilson de Lima. **Mariano Procópio Ferreira Lage**. 2 ed., Juiz de Fora: Ed. Paraibuna, 1991. p. 85.

<sup>79</sup> LESSA, J. op. cit., p. 139. Ver também OLIVEIRA, Paulino de. **Efemérides juizforana**. Juiz de Fora: UFJF/FUNALFA, 1985. p. 196. STHELING, Luiz José. **Juiz de Fora, a Companhia União e Indústria e os alemães**. Juiz de Fora: ESDEVA, 1979. Segundo

*morro da Boa Vista, além da estação de Mariano Procópio*. <sup>80</sup> É neste local, no Morro da Boa Vista, que situa-se o imóvel em processo de tombamento, exatamente na faixa de terreno que marca a divisão dos dois centros de desenvolvimento. <sup>81</sup>

Uma localidade de investimento dos colonos alemães com a instalação de algumas pequenas fábricas, a partir de 1878, como por exemplo, Dietleb Krambeck, com o Curtume Krambeck, em 1880, destruído em um incêndio em 1921. <sup>82</sup> Outro empreendedor residente nesta rua foi Jacob Kneip, construtor de obras, falecido em

---

Stheling, José Weiss adquiriu a antiga chácara da Companhia e nela instalou a cervejaria. p. 352.

<sup>80</sup> ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915**. Belo Horizonte: Editora Oficial, 1915. p. 161. Lá foram alojadas 11 famílias. STHELING, J. L. op. cit., p. 189.

<sup>81</sup> O depoimento de Dona Cristina Ribeiro de Castro, em 21/05/1998, à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, confirma a localização.

<sup>82</sup> BASTOS, Wilson de L. op. cit., p. 85.

1930.<sup>83</sup> Outro construtor vizinho de Edson Bertoldi foi Pedro Castigliani.<sup>84</sup> Do ponto de vista arquitetônico, as edificações 365, 391 e 391 A formariam um conjunto eclético dentro da rua de tradição alemã, marcando um novo momento da rua com uma influência ligada a construtores e investidores imobiliários.<sup>85</sup> Nesse sentido, podemos observar a riqueza dos imóveis enquanto fonte de pesquisa e enquanto indicativo de atividades fabris naquela área. Levanta, também, questões e lacunas relacionadas à industrialização e história empresarial do município. Além de mostrar a variedade étnica que a Bernardo Mascarenhas abrigava.

A arquitetura da edificação em foco mostra a preocupação em manter uma qualidade de vida das antigas

---

<sup>83</sup> Idem. p. 243.

<sup>84</sup> DICOM - Processo número 6835/46.

<sup>85</sup> Consultoria: Professora Maraliz de Castro Vieira Christo.

chácara, ou seja, localiza-se em colina, no centro de um grande terreno. Entretanto, demonstra não ser propriamente uma chácara, já que a lógica de sua implantação é urbana, ou seja, sua fachada se volta para a rua, os outros lados da casa não são valorizados (na chácara, a casa teria mais de uma fachada importante). Contudo, ela dialoga com as antigas chácara do século anterior, como a do Barão de Pintagui e do Coronel José Carlos Duarte, ou seja, resgata o bem estar e o *status*, mas numa lógica urbana, como evidencia as palavras de Procópio Filho.<sup>86</sup>

*(...) desde 1903, meu pai havia adquirido do seu grande amigo Cel. José Carlos Duarte a chácara que alguns denominavam “Chácara do Gratidão”, talvez por naquela época a rua do Gratidão, hoje*

---

<sup>86</sup> Idem.

*Avenida dos Andradas, a sua via  
mais próxima.*

*O Gratidão era um homem  
bom e popular cidadão que, de  
há muito residia naquele local.*

*Situada numa aprazível  
colina, sempre louvada por  
todos como uma das mais belas  
da cidade, ali viveram meus pais  
até a morte do varão, que  
sobreviveu à minha Mãe, em 31  
de março de 1951.*

*O bairro de Santa Helena,  
por nós construído é um dos  
melhores e mais saudáveis da  
cidade, entre a Travessa Leonelo  
Fortiuni, ruas Benjamin  
Constant, Perry e o sopé do  
Morro do Redentor, está  
compreendido em sua antiga  
área...*

*Logo após a morte de meu  
pai, eu e meu irmão decidimos  
dispor do enorme casarão.* <sup>87</sup>

Contudo, ela também segue a lógica de ocupação da rua Bernardo Mascarenhas, abrigando residências e pequenas fábricas. Isto pode ser comprovado neste caso uma vez que, já em 1948, a casa passou ao farmacêutico Edson Bertoldi, por herança de sua esposa Clara Barbosa Leite. <sup>88</sup> Os dois cunhados de Edson, também, eram farmacêuticos: Manoel e Carlos Barbosa Leite. A cunhada, Olga, era casada com outro farmacêutico, o renomado Carlos Andrés, criador da marca Capivarol, fortificante conhecido no início do século. Através do ANEXO 02, podemos perceber toda a genealogia

---

<sup>87</sup> PROCÓPIO FILHO, J. **Retalhos do passado**. p. 71. O casarão referido na citação foi adquirido pelas Irmãs Carmelitas para a inauguração do ginásio Nossa Senhora do Carmo, em 14 de fevereiro de 1953.

envolvendo o proprietário e os descendentes do referido imóvel. Genealogia esta que tem início no doutor Hugo de Andrade Santos, provavelmente, o primeiro proprietário (conforme ANEXO 03). Advogado e cafeicultor da fazenda Santa Helena <sup>89</sup>, em Simão Pereira, era filho de Antônio Augusto de Andrade Santos e Maria Henriqueta de Andrade Santos. <sup>90</sup> O doutor Hugo vendeu a casa, em 1929, a Carlos Barbosa Leite, pai de Clara Barbosa Leite, esposa de Edson Bertoldi.

As famílias Barbosa Leite e Bertoldi foram de grande importância para o desenvolvimento do bairro

---

<sup>88</sup> DICOM - Processo número 10257/48.

<sup>89</sup> Sobre a Fazenda Santa Helena ver PROCÓPIO FILHO, J. **Aspectos da vida rural de Juiz de Fora**. Juiz de Fora: Ed. do autor, 1973, 106-7.

<sup>90</sup> PROCÓPIO FILHO, J. **Salvo erro ou omissão**. p. 151. Sobre a atividade na justiça pública exercida pelo doutor Hugo de Andrade Santos ver ESTEVES, Albino. **Álbum do Município de Juiz de Fora - 1915**. p. 309.

Mariano Procópio. Edson Bertoldi e o cunhado Carlos Barbosa Leite foram os responsáveis pelo aterro hidráulico realizado neste bairro, dando origem, posteriormente, ao loteamento. Eles propuseram uma importante alteração na malha urbana, criando, através do aterro, a região da rua Henrique Bournier. Além disso, conforme depoimento de Dona Cristina Ribeiro de Castro, a família Bertoldi também possuía grande parte da antiga Vila Augusta, hoje, bairro Democrata. <sup>91</sup>

O diálogo e a lógica da implantação da casa pode fornecer elementos para futuras pesquisas no campo sócio-cultural em relação ao status, ao luxo, à postura mais individualista em contraponto às construções que se multiplicavam mais ao centro da cidade, com menos

---

<sup>91</sup> Depoimento de Dona Cristina Ribeiro de Castro concedido à Professora Mestre Leda Maria de Oliveira, em 21/05/1998.

privacidade e conforto. Área de pesquisa ainda pouco desenvolvida.

### **Aspectos Arquitetônicos**

**Mônica C. Henriques Leite**  
**Raquel de Oliveira Fraga**  
**Paulo Gawryszewski**

A edificação está implantada num grande terreno, afastada da rua aproximadamente 15,00 metros e em patamar alteado, protegido por muro de contenção de pedra revestido com chapisco e, com parte em balaustrada vazada, demonstrando, o que provavelmente foi, outrora, a antiga a parte superior do muro.

A casa, possui porão alto com pequenas janelas em arco abatido protegidas por grade de ferro e a entrada principal acontece lateralmente através de um alpendre.

Esse é um exemplo típico de tratamento urbano levado para a área afastada do centro, fato que, por si só, já revela a singularidade e a importância da edificação. No Rio de Janeiro são vários os exemplos encontrados com esse tipo de tratamento, o que não ocorre em Juiz de Fora.

A construção pertence ao estilo eclético de gosto classicizante representado pelo esquema de composição horizontal da fachada que o associava simbolicamente, a divisão das colunas clássicas onde, o porão revestido com argamassa que imita cantaria, seria a base, por conseguinte denotava embasamento, solidez, o corpo, parte nobre da casa, assoalhada, correspondia ao fuste enquanto que o coroamento, a platibanda, era associado ao capitel. “(...) A composição arquitetônica objetivava,

assim dispor das diversas partes do edifício de forma harmoniosa e regular tal como as ordens arquitetônicas, se estabelecia o relacionamento proporcional entre as partes perseguindo a harmonia das proporções.”<sup>92</sup>

Outro aspecto é a intencionalidade de marcar a vertical, linguagem que se tornaria um das principais características arquitetônicas do ecletismo. A fachada é dividida em 3 tramos delimitados por pilastras com caneluras e coroadas por capitéis coríntios, de tal forma que o painel central acaba tendo uma ordem dupla de pilastras no encontro dos segmentos laterais e central.

A ênfase do segmento central é dada pelo seu ressalto e pelo balcão de alvenaria apoiado em consolo central em forma de conchoide e modilhões nas extremidades, que vão conferir volume a composição,

---

<sup>92</sup> PREFEITURA DO RIO DE JANEIRO. **Estudo Arquitetônico**

assim como, as pilastras situadas nas extremidades do painel, as janelas rasgadas geminadas, esguias, de madeira e vidro onde destacam-se as folhas de venezianas bem finas, do tipo francês, que são abraçadas pelo balcão. As janelas possuem verga em arco pleno e sobrevergas com ornatos de enchimento. Arrematam o tramo central o entablamento clássico com arquitrave, friso com ornato e um nicho com uma imagem, a cornija perfilada volumosa e a platibanda, onde o prolongamento das pilastras recebeu ornatos em semicirculares em cascata, e o centro é decorado com uma cartela e elementos florais retirados do vocabulário clássico e tratados com uma certa liberdade e sobre estes, é decorada um trabalho geométrico em baixo relêvo. Um frontão curvo

---

**do Saara**, p. 03, mimeo. s/d



interrompido com um pináculo no centro, ladeado por outros de forma redonda coroa a platibanda central.

As alas laterais receberam tratamento similar ao central com suas pilastras com caneluras, janela de peitoril com verga em arco pleno e sobreverga com ornato de enchimento. O entablamento prossegue em toda a extensão da fachada com arquitrave, friso com triglifos e metopas, cornija perfilada volumosas e platibanda retilínea com ornatos em baixo relevo arrematada com frontão semicircular ornamentado com leque, encimada por coruchéu. Dois pináculos, com forma arredondados, ladeiam os frontões laterais.

A obra  
*Núcleo Histórico da Avenida dos Andradas e bairro Mariano Procópio / Nota  
Prévia de Pesquisa*  
da autoria de  
Patrícia Falco Genovez,  
publicada pela **CLIOEDEL** - Clio Edições Eletrônicas -  
foi editada e formatada com a seguinte configuração de página:  
tamanho do papel: A4,  
orientação: paisagem,  
margens superior e inferior:  
3,17 cm,  
margens esquerda e direita:  
2,54 cm  
medianiz: 0 cm,  
distancias do cabeçalho  
e rodapé em relação à  
borda do papel: 1,25 cm.  
O texto foi digitado em  
Word 6.0 para Windows,  
com fonte Times New Roman 14,  
espaço 1,5 e recuo de parágrafo de 1,27 cm.  
As notas de rodapé, com mesma fonte, mas tamanho 12.  
E as transcrições de mais de 3 linhas  
em itálico e com recuo de 2 cm à  
esquerda e 0,5 cm à direita.

Os direitos autorais desta obra são propriedade da autora. A obra pode ser obtida gratuitamente através da BIBLIOTECA VIRTUAL DE HISTÓRIA DO BRASIL <<http://www.ufjf.br/~clionet/bvhbr>> e reproduzida eletronicamente ou impressa desde que para uso pessoal e sem finalidades comerciais e não sofra alterações em seu conteúdo e estrutura eletrônica.

Núcleo Hist. da Av. dos Andradas e bairro M. Procópio  
M. Procópio

Núcleo Hist. da Av. dos Andradas e bairro